

Campus

CESAR MENDES

SUSANA DOBAL



CHICO e FUNARO

No *Campus* tem

Páginas 8, 9 e 12

CENSURA

Funaro defende o Plano Cruzado; Chico Buarque, Brossard e Coriolano discutem a censura; na UnB, debate-se a falta de professores e a crise da moradia. Estas são as principais atrações deste número do *Campus*.



Professor e moradia

Na UnB não tem

Página 3

Pintou sujeira na tela

REINALDO FREITAS

No primeiro debate, promovido pela Rede Globo e alguns jornais de SP, os candidatos a Governador do estado demonstraram, para todo o país a mais total e completa incapacidade para governar o estado. O mediador do debate, jornalista Joelmir Beting, foi muito mal escolhido pela Globo, pois esta, deveria ter chamado um juiz de luta-livre ou um leão-de-chácara daqueles inferninhos de São Paulo, e não uma pessoa magrinha como ele, e ainda por cima, usando óculos. Só podia dar no que deu. Xingamentos, ameaças e bate-boca. O que os telespectadores viram foi um festival de acusações e impropérios, e nenhuma proposta de solução para os mais variados problemas que assolam aquela terra.

Teve um candidato de um tal PH (não é partido humorista, apesar das semelhanças), um tal de Teotônio Simões, que todas as perguntas a ele dirigidas, não eram respondidas, ele apenas apontava para um livrinho (encontrado em qualquer banco de SP) como ele próprio frisava à toda pergunta. Seria ele um editor? um vendedor? dono de bancas de revistas? quem será aquele personagem misterioso? resposta (talvez) no livrinho.

O candidato do PDS (sim ainda existe, pelo menos por lá), Paulo Maluf, não deve ter convencido nem o Calim Eid. Não conseguiu provar também se pagou ou não as rodovias construídas. Segundo Quêrcia, ele ainda, deve todo o asfalto derramado, segundo ele, já pagou tudo. Quem estará com a verdade?

O candidato Antonio Ermirio, com seu visual yuppie (cabelos desalinhados, paletó desabotoado, gravata torta), não disse muita coisa também, e perdeu-se num interminável bate-boca com Maluf e Suplicy tentando provar que em suas fazendas não havia escravos trabalhando. A sua postura de candidato educado não durou muito, e as acusações entre ele e Maluf extravasou para a imprensa após o debate. Mesmo assim os eleitores não ouviram nada de concreto para o Governo.

O candidato Quêrcia, com seu jeito de caipira, ficava toda hora conversando com o pobre do telespectador e não debatia com os seus concorrentes. Para não cair no mesmo erro de Fernando H. Cardoso (êrro não, sinceridade), ficou o tempo todo dizendo que era católico praticante e de origem humilde. Mas tudo isso sem muita fé e humildade.

O candidato do PT, parecia até que estava cercado por três extraterrestres, face ao nervosismo apresentado, e não conseguiu articular nem perguntas e nem respostas no tempo previsto. Depois do debate resolveu suspender sua campanha por alguns dias, depois de concluir que se saíra muito mal no debate. Besteira isso, Suplicy. Aquele debate não deu para se chegar a conclusão alguma a respeito dos candidatos, até mesmo porque não foi apresentada nenhuma. Se os outros candidatos fossem honestos também, teriam desistido de suas candidaturas logo na segunda-feira.

Coitadinho de SP. Depois da eleição de Jânio, parece que o estado vai ter uma overdose política, se alguns dos candidatos conseguirem se eleger. Eu por mim votaria no Joelmir.

MURO

Seu lugar é no palco

Você, que é exímia cantora (mesmo que seja só de banheiro) e tem aquela voz grave e bonita, típica dos contraltos, que tal mostrar seu talento cantando num coral? O Coral da UnB está abrindo vagas para contraltos. Mesmo que você não saiba exatamente seu tipo de voz, mas já tem alguma experiência com música ou simplesmente gosta de cantar, procure o professor de técnica vocal do Coral da UnB, Francisco Frias às terças-feiras, entre 19:30 e 20 horas, no anfiteatro 9 da Ala Sul. Quem sabe é justamente a voz que o coral está precisando? (Cláudia Rangel).



Produto de um gênio

O Minhocão tem sido acusado ao longo do tempo de muitas deficiências como falta de isolamento acústico adequado para atividades de ensino, subsolo inabitável por falta de ventilação e iluminação e concepção arquitetônica que o transformou num corredor, em vez de local de integração de alunos e professores.

Agora se descobriu o culpado de grande parte destes problemas. Na definição do vice-governador e candidato ao governo do Estado do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, o Minhocão é fruto da "genialidade preguiçosa" de Oscar Niemeyer. (Telma Regina Pavarino)

EUA inibem debate

O Departamento de Administração da UnB e o Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos Estados Unidos promoveram na última semana de agosto um seminário sobre "O Papel das Empresas Transnacionais no Desenvolvimento".

Vários participantes estranharam que um seminário dessa importância tenha sido realizado de parceria com um órgão que justamente tem por atribuição cuidar da imagem do governo norte-americano. Isto impediu já de partida que o problema — importantíssimo — fosse tratado com a necessária isenção e pluralidade de pontos de vista.

(Telma Regina Pavarino)

Time da cachaça promete

O time de futebol de campo da COMUNICAÇÃO conseguiu passar para a segunda fase do III JIUNB'S. Ao derrotar a Engenharia Civil Processamento de Dados e Geologia, o esquadrão da "fumaça" e da "cachaça" prepara-se com afinco nos bares da cidade para a nova fase. Craques como

Piu Piu, o "grande lateral Eumano Henning", o internacional Bernardo estão fazendo o maior carnaval nos times que enfrentam. Apesar do desfalque do paulista Júnior Cabeleira, o time segue em frente com suas canelas finas e pulmões de aço. José Carlos Anatoly

Chico atrai tientes

MARGARETE VITÓRIA

Um batalhão de pessoas correndo campus afora. Essa foi a cena da qual todos os tientes que quiseram ver Chico Buarque na UnB fizeram parte. Tientes sim, para ver Chico Buarque? Sim. E o Pablo Milanez?! Acho que o pessoal não notou muito a presença. Infelizmente, o motivo principal que trouxe os dois compositores à Brasília não foi bem captado pelos estudantes da UnB. O reatamento de relações Brasil — Cuba, traduzido de forma não oficial na presença de Chico e Pablo, juntos na capital federal, não parece ter sido a causa do superlotação do anfiteatro 9. Prova disso foram as perguntas de cunho pessoal feitas a Chico Buarque.

Realmente, o visual do Chico Buarque desperta as atenções. Mas é grande a falta de tino de muitos para compreender o significado do encontro de Pablo Milanez com o Brasil, num momento em que os dois países decidem se dar inicialmente um aperto de mãos. Compositor cubano que teve cassado o seu visto de entrada no Brasil, militante do único partido existente em Cuba a presença de Pablo em Brasília é o próprio reatamento de relações através do intercâmbio cultural que vai se estabelecer mais concretamente a partir de agora. Para quem não sabe, até a UnB entrou nesse barco e firmou um acordo com a Universidade de Havana, o que possibilitará o intercâmbio de alunos. Pois é pessoal, se manca!

Voto com ágio: aí, se a moda pega!

JOSE CARLOS ANATOLY

"Vou vender meu voto com ágio", essa foi a frase que um amigo me disse entre cervejas. A frase me deixou uma dúvida, quem é mais incapaz? O eleitor ou o candidato? Não sei se é uma doença nacional (vide Maluf), ou foi esse jejum de 26 anos sem votar, que fez com que a maioria do eleitorado emagrecesse em termos ideológicos e políticos, gerando assim, essa indecisão por parte dos eleitores diante dos "adoráveis candidatos", faltando apenas um mês e meio para as eleições.

Vamos nos "cilindros do Aparecido", espalhados por toda cidade, um fato quase cômico: seguidores de determinados candidatos colam cartazes do seu patrão e em menos de quinze minutos outros seguidores de outros candidatos colam em cima do concorrente e assim segue a trágicomédia eleitoral em BSB.

Ah! O meu voto tem preço!!!

Campus

Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação da UnB.

Professores responsáveis: — Hélio Doyle, José Salomão Amorim, Murilo César Ramos, Maria Rita Leal (arte). Editores: Ida Pietricovsky de Oliveira, Greice Angelotti, Neves, Marcelo Feijó, Margareth Marmori, Cláudia Rangel, Cláudio Tourinho, Guilherme Evelin, Júnia Cláudia Gondim, Mário César Rosa, Paulo

Alberto Fortes, Lilian Fonseca, Margarete Vitória, Sandra Sato, Reinaldo de Freitas, Ana Teresa Serpa, João Anderson Alves de Jesus, Ana Paula Padrão, Jorge Luiz Maya, Cláudia Moema, Kátia Turra, Chico Moura. Repórteres: Jane Maria Andrade de Araújo, Ruth Maria Frota, Roselle de Castro, Ceci Anett de Almeida, Jorge Lage, Benedito Augusto Rodrigues, Raquel Flores, Susana Dobal, Ana Helena Rossi, Cláudia Prado, Regina Elizabeth de Araújo,

jo, Telma Regina Pavarino, Adriana Soares de Vasconcelos, Jos. e Floriano Pereira, Nathalia Kneipp, Jaul Ramalho de Castro, Francisco de Paula, Nilva Rios, José Carlos Vieira, Pedro Henrique Mansur. Diagramação: Chico Amaral. Fotografia: César Mendes, Antônia Márcia, João Carlos Fontoura, Susana Dobal, Paulo Panigo. Laboratorista: Jeová Xangó. Ilustrações: João Batista Paganine, Mário Viggiano.

Professores da UnB não têm onde morar: ensino prejudicado



ANA HELENA

"Caso a situação não melhore, talvez não seja possível ficar em Brasília." Com esse desabafo, a professora Marina Ito, do Departamento de Nutrição, expressou a difícil situação financeira enfrentada pelos professores da Universidade de Brasília. Seu contrato de aluguel vence em setembro e ela não tem onde ir tendo em vista os preços dos aluguéis de apartamentos que consomem mais de 40 por cento do salário. O problema de moradia afeta, hoje, a grande maioria dos professores e leva muitos a dividirem apartamentos e até mesmo quartos com os colegas.

O alto custo dos aluguéis e de vida na cidade tem prejudicado as contratações, na prática. Já houve até algumas desistências. Segundo João Cláudio Todorov, Vice-Reitor da UnB, "existem professores que vieram e não conseguiram aluguel abaixo de 8 mil cruzados. Se o professor vive apenas de seu salário na UnB, o máximo que ele consegue é um lugar para morar em Sobradinho, Taguatinga ou Ceilândia. Seu salário de professor não lhe permite morar no Plano Piloto. Para citar um exemplo concreto, um professor veio da Paraíba e o aluguel mais barato que encontrou foi de 5 mil cruzados. Ele desistiu."

PROJETO COLINA

Uma solução a curto prazo, como exige a situação pode ser alcançada caso o projeto de construção de 264 apartamentos na Colina seja levado adiante. Uma comissão foi designada pelo Reitor para estudar projetos de construção que é composta pelo prof. Flávio Versiani, decano de Administração e Finanças, pelo prof. Erico Weidle, prefeito do Campus, pelo José Geraldo, assessor

jurídico da UnB e pelo prof. Antônio Moreira Campolila, do Departamento de Engenharia Civil. Segundo o prof. Erico Weidle, o projeto da Colina, além da parte habitacional, isto é, os 260 apartamentos, comporta complementações como comércio local, creche, escola e apoio comunitário.

COMISSÃO DE PROFESSORES

A ADUnB, preocupada com a situação e suas consequências para o ensino e a pesquisa, formou também uma comissão para assessorar a administração. A primeira providência tomada foi enviar um questionário a todos os professores para ter um quadro geral do problema de moradia e localizar os casos mais urgentes. Segundo o prof. Teatini, que até poucos dias presidia a ADUnB, "a UnB possui 534 apartamentos, sendo 284 alugados para pessoas sem qualquer vínculo com a Universidade. Uma parte das moradias está sublocada, ocupada por parentes ou simplesmente fechada". Em 23 de abril de 1986, a diretoria da ADUnB solicitou à Administração uma lista dos apartamentos indevidamente ocupados. Até hoje, não houve resposta.

O QUE TEM FEITO A ADMINISTRAÇÃO?

Alguns professores, sabendo de irregularidades, foram ao Departamento de Patrimônio Imobiliário dar queixas. Este foi o caso da professora Ana Maria Carneiro, do Departamento de Enfermagem, que denunciou irregularidades no apartamento da SQN 107 - Bloco "H" - apto 401. Nesse caso, o apartamento virou uma república onde moram 5 rapazes.

Para ter um quadro geral das necessidades dos professores e funcionários, a Administração tem uma lista de inscrições com 212 nomes. Mas, a grande reclamação dos docentes é a lista ter

sido fechada em 16 de novembro. Até agora, não existe nenhuma perspectiva de que seja reaberta. Segundo a professora Marina Ito, os grandes prejudicados são os professores que chegaram a Brasília esse ano com os salários congelados pelo Plano Cruzado. "Os aluguéis continuam subindo a cada dia", explica Marina.

Uma outra medida mais enérgica para impedir a ocupação ilegal dos imóveis, adotada pela Administração, é apurar as denúncias recebidas por telefone. Mesmo trabalhando com pouquíssimos funcionários, a Administração conseguiu evitar duas sublocações na SQN 206 - Blocos "K" e "B", quando interceptou a mudança dos novos inquilinos no elevador dos prédios.

LEI PROTEJE FAMILIARES

Segundo Fernando Morethson, "existe uma lei que protege os familiares dos professores que ocupam o imóvel. O artigo 50 da lei nº 6649 diz que o locador e o locatário podem reajustar o aluguel sob mútuo acordo após 5 anos de ocupação". Nesse sentido, o Departamento de Patrimônio Imobiliário convocou 82 inquilinos para reajustar seus aluguéis. Até o momento, mais da metade compareceu e concordou com o reajuste. Essa é a forma de pressionar indiretamente os inquilinos sem vínculo com a UnB e tentar assim, reaver os apartamentos.

ALUGUEIS DA FUB REAJUSTADOS

Os aluguéis dos apartamentos da Fundação Universidade de Brasília sofreram reajuste em novembro do ano passado por ter a UnB concluído que os preços estavam defasados. O reajuste, ressalta, Fernando Morethson, equivale a 50 por cento do valor médio do mercado, resultado de uma pesquisa de mercado feita

pelo decanato de Administração e Finanças. Hoje, os preços dos apartamentos da UnB na SQS 311 mais baratos, custam 2 mil cruzados para apartamentos de 01 quarto e dependência e 2 mil e 800 cruzados para apartamentos de 2 quartos e dependência. Os apartamentos localizados na Asa Norte custam mais caro. Na SQN 206, um apartamento de 3 quartos e dependência custa 4 mil e 500 cruzados. O preço mais alto se encontra na SQN 107, onde o apartamento de 4 quartos e dependência custa 6 mil cruzados.

"A UnB deveria ter mais apartamentos que não competissem com o mercado imobiliário", diz Marina Ito. Não existe nenhuma condição de pagar esses aluguéis com o salário que nós recebemos aqui na UnB.

MORADIA E INVESTIMENTO

"Dar condições de moradia ao professor da UnB significa investir no patrimônio do ensino e da pesquisa, pois sua sobrevivência depende disso. Nesse sentido, a moradia não é pura e simplesmente uma questão habitacional. É preciso atrair os professores para Brasília", diz o prof. Erico Weidle, prefeito do Campus.

A Colina foi o local escolhido para construir os novos apartamentos em função do custo baixo em 50 por cento. "Se fôssemos construir lá fora, metade do custo viria do preço do terreno. Além disso, na Colina, vamos construir uma infra-estrutura que também vai atender aos 72 apartamentos já existentes". O financiamento para um projeto dessa envergadura virá da venda de projeções da UnB na Asa Norte e Asa Sul. O início das construções depende da aprovação do Conselho de Administração. Se tudo ocorrer bem, os apartamentos começarão a ser construídos no final do ano.

"A UnB possui 534 apartamentos, sendo 284 alugados para pessoas sem qualquer vínculo com a Universidade. Uma parte está sublocada ou fechada".

Projeto de moradia levanta discussão

O projeto da Colina levantou uma polêmica que está envolvendo as áreas dos Departamentos da Arquitetura e Engenharia Civil. Um dos pontos de atrito tem sua origem na própria concepção da Universidade de Brasília. Tradicionalmente, são os arquitetos que participam das construções no campus, como é o caso do Minhocão, da Reitoria e da Biblioteca. Nesses casos, não houve participação dos engenheiros civis na elaboração dos projetos. Na época

da construção da UnB, coube ao arquiteto Oscar Niemeyer, juntamente com o professor Darcy Ribeiro, conceber as construções da universidade e o seu aproveitamento de espaço.

Um outro ponto de atrito resume-se na formação diferente recebida pelo arquiteto e pelo engenheiro civil. O primeiro tem uma formação basicamente humanista, cuja matéria-prima é o aproveitamento do espaço. O outro, em função de sua formação

técnica, está mais preocupado com os aspectos materiais da construção. Essas duas visões distintas que coexistem às vezes, criam problemas.

Existe possibilidade de contornar a situação a partir de uma prática conjunta, em que os projetos são elevados a cabo por arquitetos e engenheiros. Essa é a idéia e a proposta do professor Paulo Marcos, do Departamento de Arquitetura, que considera fundamental essa integração.

FLORESTAL visita Ilha de Fernando de Noronha

LILIAN FONSECA

Uma expedição de alunos do departamento de Engenharia Florestal da Universidade de Brasília com apoio do Estado Maior das Forças Armadas (EMFA) esteve em Fernando de Noronha fazendo um estudo da botânica, fauna e solo da ilha. O engenheiro florestal e professor da UnB responsável pela expedição foi Manoel Cláudio.

Cerca de 25 espécies para a botânica foram recolhidas e serão catalogadas. Segundo o aluno Benício de Melo, a quantidade de espécies encontradas foi menor do que eles esperavam. Talvez isso se deva a invasão de plantas que antes serviam de alimento para a criação de cabritos, que foi proibida há uns dois anos pelo atual governador. A gitirana e a leucena, por exemplo, são trepadeiras que sufocam outras plantas, invadindo até as praias.

O recente decreto do presidente Sarney que estabelece Fernando de Noronha uma reserva ecológica, deve alertar para a preservação desses recursos naturais. Existem muitos problemas com o crescente turismo na região. Marcelo Gabeda, oceanólogo mantido na ilha pelo governo, contou à equipe como os turistas espantam os golfinhos das praias com a euforia para tirar fotos e brincar com eles. O golfinho faz parte da vida dos nativos, da beleza da ilha e não pode ser pescado.

Benício acha que é preciso educar o turista sobre a importância da preservação de Fernando de Noronha.

Outro grave problema da área é a caça de tartarugas. Marcelo coleta os ovos e os mantém em um tanque até a desova, mas ele está cansado desse trabalho pouco incentivado.

Aspectos sociais também foram observados pelos alunos da florestal. Os quase 1.800 habitantes de Fernando de Noronha são na maioria militares. Os nativos trabalham para o governo e não po-

dem plantar alimentos, nem ter criações. A pesca é permitida, porém é toda vendida ao governo. Outros alimentos são comprados no armazém da Aeronáutica. A indústria de manteiga foi desativada depois da proibição da criação de gado e cabritos. Hoje, Fernando de Noronha está sendo usada como ponto turístico, afirmou Benício.

A equipe da UnB promete uma exposição do material recolhido na ilha, catálogos, slides e relatórios para serem vistos e utilizados pelos alunos e professores da universidade.

História de uma ilha

LILIAN FONSECA
Fernando de Noronha abrange um total de 21 ilhotas numa área de 26 km². O arquipélago foi uma das primeiras terras descobertas no Novo Mundo e é provável que o primeiro registro sobre a América — a ilha de São João do Planísfero feito por Juan de La Costa — seja Fernando de Noronha.
Foi a primeira Capitania Hereditária da Coroa Portuguesa doada em 1504 à Fernando de Noronha (nome dado a maior das ilhas), que nunca esteve em suas terras. Holandeses em 1626 e 1645 e franceses em 1736 invadiram a ilha interessados em sua localização nas rotas marítimas. Depois da expulsão dos invasores, os portugueses resolveram construir 17 fortes. O principal é o Forte de Nossa Senhora dos Remédios.
A ilha durante o Império esteve sob jurisdição do Ministério da Guerra e do Ministério da Justiça; com a República tornou-se colônia do Ministério da Justiça; com Pernambuco; abrigou os envolvidos nas intencões de 35 e 38 e em 42 foi criado o Território de Fernando de Noronha sob jurisdição do Ministério do Exército até 82. O Ministério da Aeronáutica é, atualmente, responsável pela ilha.

Hortencia Allende fala do Chile na UnB

LILIAN FONSECA

"Não necessitamos de armamentos. O Chile não está em guerra. Pinochet está em guerra com o povo chileno", desabafou Hortencia Bussi Allende, 72 anos, em visita à UnB. A viúva do socialista chileno Salvador Allende, morto em 73 e sua filha Isabel, 40, debateram com estudantes, professores, jornalistas e curiosos a situação do Chile e da América Latina. Na mesa Volney Garrafa, decano de extensão, Nielsen de Paula Pires, professor do departamento de Relações Internacionais, e uma estudante do Direito.

Para Hortencia, 13 anos de golpe militar se passaram e o povo chileno vive na injustiça, na opressão e na miséria. O poder judiciário foi esmagado pelo executivo. O país se encontra numa crise econô-

mica, política, social e moral. O regime prende mulheres, encarcera e tortura estudantes, dirigentes políticos e sindicais, restringe a imprensa, além de fazer desaparecer e assassinar muitos chilenos.

Ela acredita que a união dos setores oposicionistas da sociedade chilena é que sustentará o processo de transição democrática juntamente com o povo. Citou que a Assembleia Nacional da Civilidade (entidade que agrupa todas as organizações sociais mais representativas da nação) convocará greve geral dia 11 de setembro — data em que se comemora o golpe militar de 73 — como forma de desobediência civil.

A sra. Allende foi bastante aplaudida quando lembrou a luta nicaraguense e a posição do Peru frente ao FMI. Pediu, ainda, solidariedade entre os povos latinos-americanos na luta pela democracia.

Isabel Allende acrescentou que o povo chileno vem resistindo ao governo Pinochet através das associações profissionais, dos partidos políticos (que oficialmente inexistem), das universidades e de grupos de mulheres. Isabel acha que esses anos de ditadura não irão encobrir um passado democrático que o Chile conheceu.

A Unidade Popular — uma frente que reunia a oposição chilena — levou ao poder Salvador Allende em 4 de setembro de 70. Allende fica na história como um líder humanista que morreu defendendo seu Estado. Para ele, ser socialista, significava: "ser homem do século XX, pai do homem do século XXI".

As visitantes doaram à universidade uma fita de vídeo cassete, contendo a trajetória de Salvador na Universidade de Guadalajara, México.

SUSANA DOBAL



Violão pode representar alternativa de Trabalho para o músico

UnB oferece curso de violão no próximo ano

CLAUDIA RANGEL

O brasileiro que quiser fazer um curso universitário de violão não precisa mais sair da cidade para isso. O Departamento de Música da UnB oferecerá, a partir do próximo vestibular, em janeiro de 87, as habilitações Licenciatura e Bacharelado em instrumento-Violão. Isto é resultado da luta de alunos do Departamento que, no ano passado, reivindicaram ao chefe do departamento, Luiz Gonzaga, a criação do curso com a contratação de professores de violão.

Este ano, o Departamento de Música conseguiu a contratação do conhecido violonista brasileiro, Marco Pereira, como professor visitante por 2 anos. Emílio Terraza, atual chefe do departamento, espera conseguir ainda a contratação do professor Eustáquio Grilo para levar adiante

a concretização do curso de violão.

Segundo Terraza, como acontece com qualquer outro instrumentista, poucos serão os violonistas realmente bons, com possibilidade de fazer uma carreira solo. O violão constitui uma ferramenta importante para o músico resolver problemas de mercado de trabalho. Pode-se dar aula com violão, em lugar do piano, em colégios com poucos recursos ou formar grupos de música de câmara para apresentar vons trabalhos pela cidade.

Para os interessados em fazer vestibular para a habilitação violão, o teste específico de música é no dia 21 de novembro e o programa parece ser rigoroso. Estão previstos um estudo clássico (Sor, Carcassi, Aguado, Costé ou Giuliani), uma peça de Bach, um prelúdio de Villa-Lobos entre outros.

Falta de espaço causa desarmonia na Música

REGINA ELIZABETH

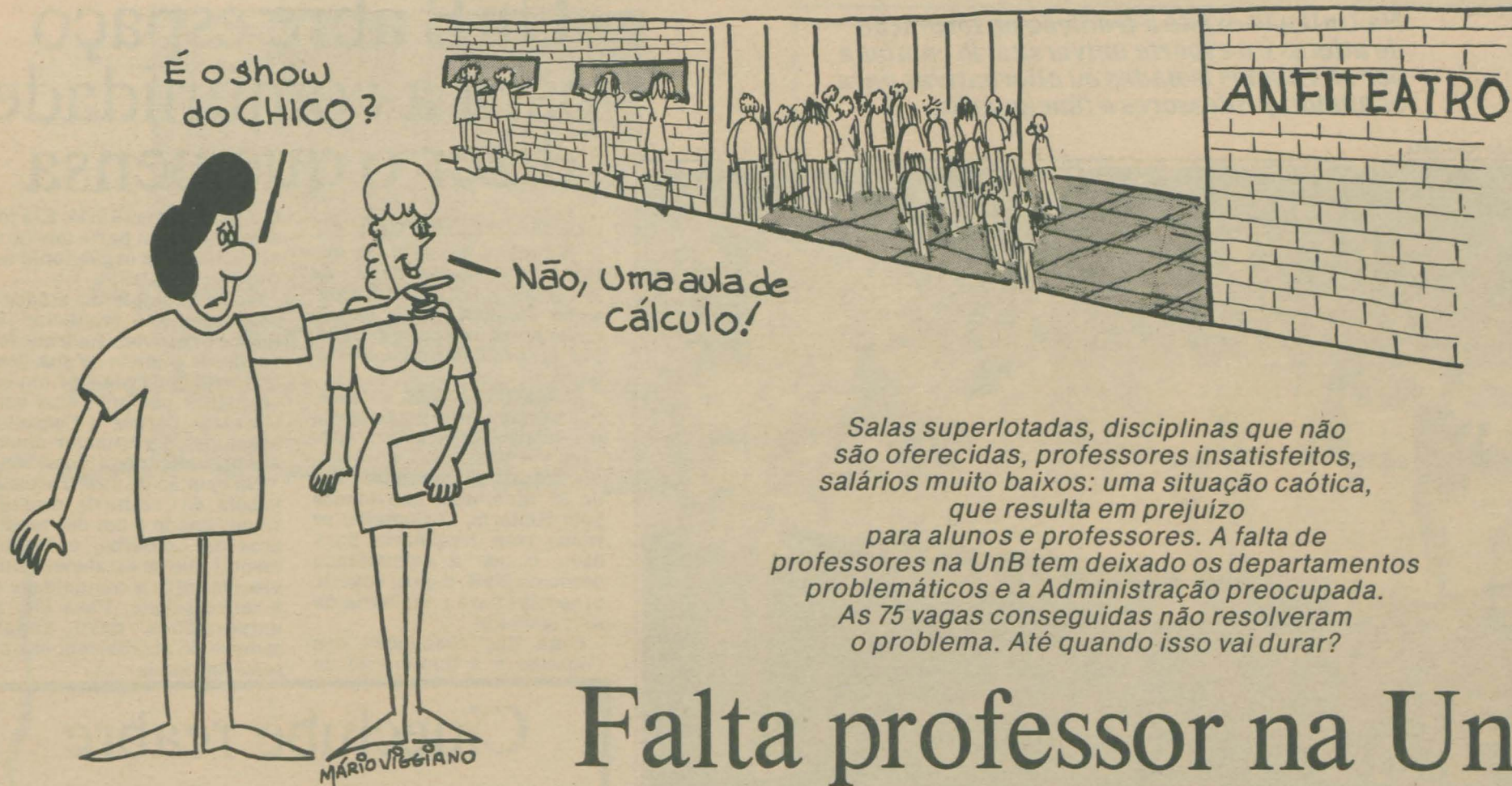
Enquanto a metade de um dos prédios do Departamento de Música é ocupada pela Zeladoria, servindo de depósito de material de limpeza, os alunos brigam entre si a fim de conseguirem uma sala de estudos. O CA da Música já reivindicou junto à Prefeitura a utilização deste espaço para a ampliação do Departamento, ao que lhes foi negado mediante o argumento de que não existe outro local adequado para depositar este material.

O problema já existe há algum tempo, mas só à medida que atinge mais alunos é que consegue mobilizar a categoria. Os mais atingidos são os moradores do CO, que só têm o Departamento para praticar. Segundo um representante do CA, o que está acon-

tecendo é um verdadeiro "conflito social" entre os que procuram um local para seus estudos.

Para a professora Elza K. Gushikem, o maior problema ainda é com relação aos instrumentos, que se encontram em péssimas condições. Para se ter uma idéia, existe um piano que pode desabar se alguém encostar nele. A professora acredita que esta situação desencoraja quem pensa em estudar música na UnB.

Sabemos, porém, que este não é um problema exclusivo da Música, atinge também boa parte dos departamentos da UnB. A pergunta que surge é a seguinte: até quando esta situação vai continuar? Com um Campus tão grande, como estão sendo aproveitados os espaços? Não está na hora de se procurar soluções para a melhoria do ensino da Universidade?...



Salas superlotadas, disciplinas que não são oferecidas, professores insatisfeitos, salários muito baixos: uma situação caótica, que resulta em prejuízo para alunos e professores. A falta de professores na UnB tem deixado os departamentos problemáticos e a Administração preocupada. As 75 vagas conseguidas não resolveram o problema. Até quando isso vai durar?

Falta professor na UnB

Universidades podem paralisar dia 30

MARCELO FEIJO

Caso o MEC insista em não aceitar a proposta de um novo plano de cargos e salários para os servidores das instituições de nível superior, elaborado pela FASUBRA (Federação das Associações de Servidores das Universidades Brasileiras), os funcionários das Universidades de todo o Brasil irão paralisar suas atividades a partir do dia 30 de setembro, de acordo com a decisão tomada por representantes de todas as Federações do Brasil que estiveram reunidos em Brasília, nos dias 6 e 7 deste mês, para negociar com o MEC e debater os problemas da classe.

O novo "plano de cargos e salários e de benefícios e vantagens para os servidores técnico-administrativos das instituições de ensino superior autárquicas e fundacionais" pretende consolidar uma estrutura de carreira e regular os mecanismos de ingresso, promoção e acesso ao quadro de servidores das Universidades brasileiras. Os principais pontos da nova proposta são: a equiparação salarial para os servidores de Fundações e Autarquias, a fixação de um piso salarial de três salários mínimos, a criação de uma Comissão Permanente de Pessoal Técnico Administrativo (CPPTA), o pagamento do 13º salário a todos os Técnicos Administrativos e a aprovação em concurso público para a admissão de novos servidores.

Pelo novo plano de cargos e salários os servidores, de acordo com seus cargos, estarão classificados em três grupos: o grupo de apoio administrativo operacional (até 1º grau), o grupo de nível médio (até 2º grau completo) e o grupo de nível superior (3º grau completo). Dentro de cada um destes grupos foram considerados os fatores experiência, esforço físico, responsabilidade e risco, para a definição do valor do salário considerado justo. O enquadramento dos servidores já em atividade será integralmente supervisionado pela CPPTA, que também supervisionará os concursos públicos e internos.

A proposta está desde o dia 12 de agosto nas mãos do Ministro e seus assessores. As negociações, no entanto, não têm se desenvolvido como esperavam os dirigentes. Nesse impasse uma dúvida fica no ar: e se o MEC permanecer intransigente e não aceitar de forma alguma as reivindicações? Estarão eles realmente mobilizados para paralisar as Universidades de todo o País? A presidente da FASUBRA, Vania Galvão, respondeu assim a essa pergunta: "Os servidores estão muito unidos e não admitem mais nenhuma proteção por parte do governo".

CLAUDIA PRADO

Uma sala de aula com 104 alunos. Este não é o retrato de uma turma de cursinho, mas sim da UnB. A disciplina é Cálculo I, do Básico de Exatas, onde apenas um professor prepara e dá sua aula para uma turma que lota um anfiteatro em dia de prova.

Os prejuízos dessa falta de professores são inúmeros e afetam não só a aprendizagem dos alunos, como também o desempenho acadêmico dos professores e a pesquisa.

O curso de Engenharia Florestal é um dos que mais sofre com a falta de professores. Há muito tempo os alunos vêm reivindicando novas contratações, pois pelo menos quinze disciplinas não são oferecidas. Uma consequência disso é que quem espera alguma melhoria nessa situação para se formar, acaba não se formando.

O Departamento de Matemá-

tica também passa por esse problema. Turmas de Cálculo I que deveriam comportar no máximo 60 alunos, chegam a ter 104. Além disso, existem mais de vinte turmas com 80 ou até mesmo 90 alunos. De acordo com o professor Jairo Athayde Cavalcante, Chefe do Departamento de Matemática, seriam necessários pelo menos quatro professores para que as turmas tenham no máximo 60 alunos.

SALÁRIO BAIXO

Apesar de ter sido autorizada a contratação de 75 professores, nenhum dos 42 departamentos ficou satisfeito. Segundo o Professor João Cláudio Todorov, Vice-Reitor da UnB, não foi possível dar prioridade às turmas com problemas de superlotação, no entanto, espera-se que em janeiro saiam mais 225 vagas, continuando a dar preferência ao atendimento das disciplinas da

Graduação. Mesmo assim, quando todos os departamentos abrirem concurso para professor nessas 75 vagas, haverá um problema muito sério: o salário.

A verdade é que muitos professores competentes têm interesse em trabalhar aqui na UnB, mas desistem ao encontrar o salário baixo e aluguéis altos. "Quando ficam sabendo do problema do aluguel e do salário, não se candidatam, preferindo ficar no Nordeste ou em qualquer outra Universidade Federal que pague a mesma coisa, mas em cidades onde o custo de vida não é tão alto quanto o nosso", diz Todorov.

Para o Vice-Reitor, vai ser muito difícil que todas as 225 vagas sejam ocupadas. A não ser que os departamentos baixem o padrão de exigência e abram concurso para Professor Auxiliar, ou seja, sem Mestrado ou Doutorado, e que preencham essas vagas como alunos recém-formados.

Briga de professores acaba em tapas

ROSELLE AMORIM

A cena talvez lembrasse mais um caso de agressão física apresentado a alguma delegacia de polícia. O fato, porém, ocorreu aqui, na Universidade de Brasília, em uma época em que a não-violência vem sendo a preocupação de todos. No dia 22 de julho, o chefe do Departamento de Engenharia Elétrica, Gerson Henrique Pfitscher, foi agredido fisicamente, para não dizer esbofetado, por outro professor do Departamento, Francisco Ronaldo Frazão de Lima. Talvez "a roupa suja fosse lavada em casa", mas o fato veio ao público.

Após o incidente, Gerson Pfitscher denunciou à Reitoria da UnB a agressão física da qual foi vítima. A razão da briga, ninguém pode esclarecer

ao certo, seriam "problemas administrativos". No Departamento informaram apenas que o professor Frazão teria pedido ao chefe de departamento uma declaração de sua carga horária na Universidade para ser apresentada em um convênio. O chefe do Departamento, Gerson Pfitscher, se recusou a dar a declaração nos termos em que foi solicitada, uma vez que não correspondia à carga cumprida pelo professor. Isso teria sido o bastante para resultar em uma agressão.

A apuração oficial da infração disciplinar atribuída ao professor Frazão e a versão real do incidente, porém, não coube à polícia civil, mas a uma comissão designada pela Reitoria e composta pelos professores Sérgio Barroso de A. Fonseca, Eduardo Flávio Oli-

veira Queiroz, Nelson Martin, Marco Antônio Almeida de Souza e Marco Antônio Amato. Nesse sentido, a comissão ouviu as partes e estemunhas, elaborando um relatório conclusivo com a fixação de responsabilidades e recomendando medidas disciplinares a serem adotadas. A reportagem do CAMPUS tentou insistentemente ter acesso ao relatório, mas não conseguiu sob a alegação de que seria sigiloso.

O regulamento interno da UnB prevê, nos casos de problemas disciplinares, medidas como a advertência, repreensão ou mesmo a demissão do responsável. O relatório elaborado pela comissão será enviado à Reitoria, que tomará as decisões finais. Enquanto isso, o professor Frazão está afastado de suas funções.

Na UnB não existe a tradição na formação de atletas e o esporte universitário caminha por atividades isoladas ou alternativas para os alunos, professores e funcionários

JOAO CARLOS FONTOURA



Esporte não significa apenas formação de campeões, mas também lazer e recreação

Esporte na UnB: sem tradição e recursos

ROSELLE AMORIM

Depois de uma paralisação de um ano, os JIUnB's estão se realizando de novo. No decorrer de quase todo o mês de setembro, 1500 atletas disputam 15 modalidades coletivas e individuais de esporte. Os números aparentemente indicam uma grande força no esporte dentro da UnB, mas a verdade não é bem esta. Ao ingressar na Universidade de Brasília, se um aluno estiver com a intenção de participar de treinamentos de voleibol, por exemplo, terá que desistir da idéia ou procurar um clube para realizar seus treinos. A UnB, assim como as demais universidades brasileiras, não possui uma tradição na formação de atletas.

A questão, porém, envolve um problema maior como a falta de uma infra-estrutura adequada, de professores ou técnicos disponíveis e compatibilidade de horários para os alunos. Na UnB existem equipes para treinamento apenas em duas modalidades de esporte: o handebol, através do Clube Desportivo Universitário de Handebol, e o pólo aquático, que ainda não tem o seu clube estruturado. O presidente da Associação Atlética Acadêmica da Universidade de Brasília (AAAUnB) e estudante de Educação Física, Roberto Tadeu Ramos, acredita que o problema se deva a sua falta de tradição no Brasil da formação de atletas nas universidades.

"Os atletas universitários jogam em clubes, uma vez que não encontram oportunidades no meio acadêmico e, nesse caso, enfrentam uma série de dificuldades como incompatibilidade de horários, dificuldades de acesso ao CO à noite, entre outras coisas", observa Tadeu. Ele mesmo é um exemplo disso: para treinar

basquete, teve que procurar um clube fora da universidade.

O chefe do departamento de Educação Física, Renato Nóbrega, por sua vez, ressalta que o atleta universitário já chega pronto, preparado anteriormente por escolas ou clubes. Renato acredita que o bom atleta precisa começar cedo para apresentar um desempenho ideal e o tempo que o aluno passa na universidade não é suficiente para a sua formação, que requer no mínimo cinco anos.

Além disso, o atleta brasileiro enfrenta uma série de dificuldades pela própria condição econômica do País. "A evolução do desporto depende do poder aquisitivo do povo, uma vez que formar e manter um atleta custa caro", observa Renato. O maior exemplo da situação são os melhores resultados alcançados pelos países com melhores condições financeiras. Para a estudante de Educação Física Eugênia Pestana, porém, existe também uma falta de valorização e interesse por parte dos alunos em participar de atividades esportivas, principalmente pela pouca tradição na universidade.

Embora o trabalho de formação de atletas não seja prioritário nas pautas, várias atividades esportivas vêm sendo desenvolvi-

das dentro da UnB e abertas à participação de alunos, professores e funcionários. Nesse sentido, estão se realizando o III JIUnB's, com a participação de mais de 1.500 atletas através dos CA's, em modalidades coletivas e individuais. O presidente da AAAUnB, organizadora do evento, observa que a maioria dos alunos não são preparados anteriormente, o que já dificulta uma maior participação do desporto dentro da universidade.

Outras oportunidades são abertas à comunidade, embora com pouca participação, em atividades desenvolvidas através de um convênio entre a UnB e o SEED-MEC. Por outro lado, o Serviço de Apoio ao Esporte e Recreação, integrante da Diretoria de Ação Comunitária, foi criado recentemente com o objetivo de coordenar atividades esportivas juntamente com entidades como a AS-FUB, ADUnB e AAAUnB. Uma das atividades que já vem sendo desenvolvida é o Programa de Saúde no Trabalho, com aulas de ginástica para os funcionários do Bandeirão. A professora e responsável pela estruturação do SAER, Lucila Rondon de Andrade, ressaltou a importância da atividade como forma de difundir o esporte, não visando apenas a competição e a formação de campeões, mas como forma de lazer e recreação para funcionários.

Se a formação de atletas não acontece dentro da Universidade, as atividades esportivas não podem ser esquecidas. A comunidade deve descobrir o esporte, seja participando de atividades como os JIUnB's, dos cursos oferecidos pelo departamento de Educação Física ou ainda em atividades alternativas, conciliando o esporte ao trabalho e como forma de lazer e recreação, seja de funcionários ou professores.

“A formação e manutenção de um atleta exige grandes recursos e a UnB não oferece as condições necessárias para uma maior participação”

UnB abre espaço para a comunidade dizer o que pensa

TELMA REGINA PAVARINO

A UnB já não está tão distante da comunidade de Brasília. Com a ajuda do Conselho Comunitário, a cidade pode agora opinar e participar dos problemas da universidade.

Criado há 4 meses, o Conselho Comunitário é composto por líderes sindicais, empresários e dirigentes governamentais da cidade, num total de 30 membros, convidados pela Reitoria. O Conselho se reúne com frequência para dizer o que a comunidade pensa da UnB, e para sugerir propostas para a melhoria da universidade.

Uma das conquistas dos Conselho é a iluminação do

Campus universitário. Ela foi conseguida em parte devido à atuação desse órgão junto ao Governo do GDF.

Outro exemplo da atuação do Conselho: o vestibular. O Reitor Cristóvam Buarque teve, desde o início de sua gestão, a idéia de realizar um só vestibular por ano, mas voltou atrás porque o Conselho achou que o vestibular anual iria prejudicar os alunos.

Na opinião de José Tarcisio Sabóia, do Comitê de Imprensa do Senado e um dos membros do Conselho, é fundamental que se estabeleça um vínculo entre a comunidade e a universidade. Para ele, a universidade deve andar sempre de acordo com os anseios da cidade.

Cineclube reabre e mostra o cinema Alemão em 16mm

NATHALIA KNEIPP SENA

O Cineclube Dois Candangos UnB reinicia suas atividades, após dois meses de paralisação, com a Mostra do Cinema Alemão em 16mm. Estão previstas 17 projeções entre os dias 11 e 21 de setembro, no Auditório Dois Candangos da Universidade de Brasília.

Apesar de estar reiniciando suas atividades, o cineclube enfrenta problemas para voltar a exibir filmes em bitola de 35mm. A aquisição de duas peças danificadas, bem como um serviço regular de manutenção dos projetores, é imprescindível para a exibição dos filmes de 35mm. A inexistência de um espaço para o funcionamento do cineclube também dificulta os trabalhos que vêm sendo realizados, especialmente no que se refere à

organização do material sobre cinema e dos documentos pertencentes ao cineclube.

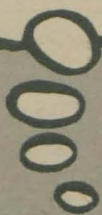
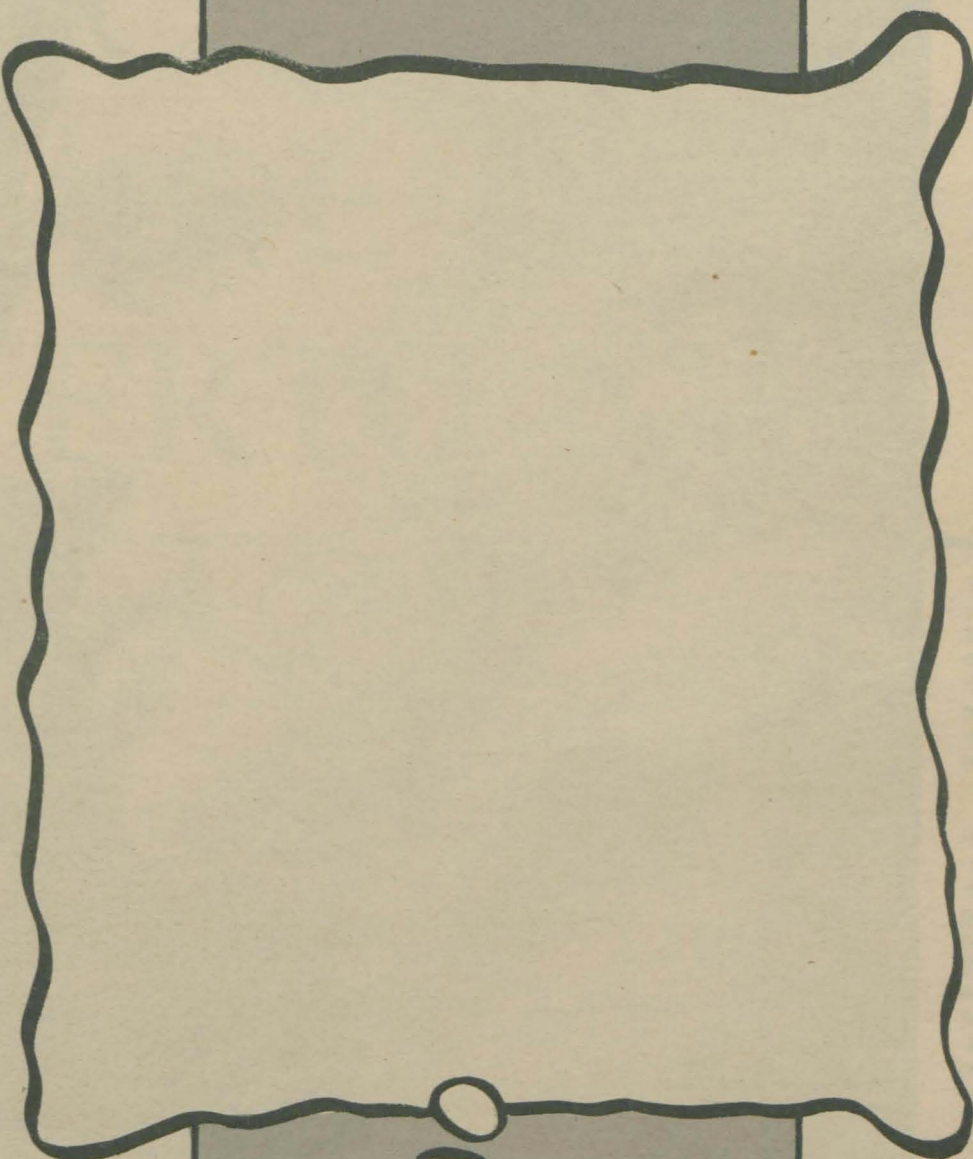


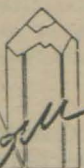
Programação da Mostra do Cinema Alemão em 16mm

Dia	Filme	Horário
11 —	Fitzcarraldo (Werner Herzog)	12:00
	A Patriota (Alexander Kluge)	20:00
12 —	Sistema sem Sombras (Rudolf Thome)	12:00 e 20:00
13 —	A Patriota (Alexander Kluge)	18:00
	O Machado de Wandsbek (Horst Königstein)	20:00
14 —	Marlene (Maximilian Schell)	18:00
	O Autógrafo (Peter Lilienthal)	20:00
15 —	Os Profissionais (Cristian Weisenborn)	12:00 e 20:00
18 —	Marlene (Maximilian Schell)	12:00
19 —	Fitzcarraldo (Werner Herzog)	20:00
	Fitzcarraldo (Werner Herzog)	12:00 e 20:00
20 —	Lua de Novembro (Alexandra von Grote)	18:00
	O Machado de Wandsbek (Horst Königstein)	20:00
21 —	O Ataque do Presente contra o Restante do Tempo (Alexander Kluge)	18:00

OBS: Para os dias 16 e 17 ainda não foi confirmada a exibição do vídeo "No Ventre da Baleia" de Doris Dorrie.

A nova criação da Com.
Cria/Com,
propagando este espaço.



CRIA 

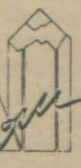
CINEMA NA HORA DO ALMOÇO?



E por que não?
Esse é um dos horários de lazer do Cineclube Dois
Candangos.

Ele está de volta com força total, trazendo em sua
programação a Mostra de Filmes Alemães e muito
mais. Aproveite você também e venha prestigiar nosso
cineclube.

 **CANDANGOS**
CINE-CLUBE 2 CANDANGOS - UnB

CRIA 

ANA PAULA PADRÃO JUNIA MELO

Embora alguns indicadores econômicos — se tomados isoladamente — creditem à economia brasileira um vigor inusitado, é certo que o Plano Cruzado perdeu seu brilho inicial. Algumas empresas projetam inflação de até 45 por cento ao ano, e existem propostas favoráveis à volta da correção monetária. Os investimentos a longo prazo tardam, pois há uma incerteza quanto à política econômica a ser adotada no futuro. Críticas ao congelamento se acumulam, e os problemas no abastecimento são comprados aos do período pós-guerra. Todo este panorama, no entanto, não parece afetar a convicção do principal condutor das mudanças econômicas do país, líder carismático de milhares de donas-de-casa brasileiras. O ministro Dilson Funaro, em entrevista exclusiva ao CAMPUS, reafirma sua disposição no trabalho pela “transformação brasileira”, fala de dívida externa, negociações salariais, política, Universidade e anuncia, depois de 180 dias de carrossel econômico e social, o grande momento da história da Nação.

Campus: Uma das prioridades do governo, no momento, é a negociação da dívida externa com os bancos credores, buscando reduzir a transferência de recursos para o exterior. Há alguma proposta efetiva a ser levada na viagem do final de setembro?

Funaro: O Brasil sempre foi à missão Fundo Monetário Internacional para colocar a sua posição. Hoje, de uma forma diferente de alguns anos atrás. A tese do Brasil, desde o primeiro dia de negociação externa que eu pude fazer, é no sentido do desenvolvimento brasileiro. Nós queremos que o Brasil seja um País que não tenha problemas através do endividamento externo. Nós vamos manter um desenvolvimento indispensável a uma população jovem que se forma e tem que ter emprego, oportunidades de trabalho. Antigamente, o governo ia lá fora, negociava juros, negociava as condições, voltava e adaptava sua economia. Hoje, nós fazemos diferente. Vamos manter um desenvolvimento sustentado, um crescimento necessário para ir resolvendo os problemas brasileiros, negociando as nossas condições.

Campus: Qual a posição do governo diante da proposta feita pela Comissão Afonso Arinos, de limitar a remessa de juros em, no máximo três por cento reais sobre o saldo da dívida externa?

Funaro: É uma proposta importante porque ela relaciona um pouco um processo de porcentagem do PIB, do que nós podemos exportar. Nós, este ano, estamos com 3,8 por cento do PIB e acreditamos que, no ano que vem, seja abaixo de três. Eu acredito que com a negociação nós vamos conseguir um fator de exportação do PIB melhor do que temos hoje. A proposta da Comissão Arinos está muito ligada também ao preço commodities (mercadorias comercializáveis em bolsas de cereais). As vezes, é baixo o sistema de juros, mas também as commodities são muito baixas. Nós temos que analisar a economia sempre como um todo. Nos últimos três anos, das 18 commodities, 17 caíram de preço para o Brasil. Só o café subiu, este ano. Isso tem que ser analisado em conjunto, mas eu acho que é uma proposta e deve ser analisada.

Campus: A partir de agora, vão começar as negociações entre empresários e trabalhadores. A categoria dos bancários, por exemplo, ameaça com uma paralisação em todo o País, já neste mês, caso suas reivindicações — 100% do IPC e reposição de 26,5% — não sejam atendidas. Até que ponto essas negociações ameaçam o êxito do Plano Cruzado?

Funaro: Houve um crescimento dos salários em torno de 16% real para os trabalhadores, o que é um dado fantasticamente alto em qualquer lugar do mundo. Não estou dizendo que os salários já são altos, apenas que o crescimento num período rápido de seis meses representou um crescimento muito importante. Se nós fizermos uma corrida de salários e de preços, vamos voltar ao passado com muita rapidez. Vamos perder o Plano Cruzado. Hoje, a mão-de-obra é 70% do custo do sistema financeiro. 100% de aumento significa que não há banco que consiga ter 140% de folha. Ele só conseguira aumentando seus preços, serviços, etc. E aí se volta para um processo inflacionário que não é o que nós desejamos. Eu insisto muito no seguinte: em uma economia estabilizada com preços estáveis, os ganhos salariais de dois, três, quatro, cinco por cento, ao ano, fazem um crescimento importante. A diferença social se transforma num processo muito menor do que se dava no ano passado, quando existia 30, 40% de aumento e, na realidade, a inflação comia isso no primeiro mês. O que nós precisamos ter é muita certeza dos ganhos aparentes e dos ganhos reais. Eu luto muito pelos ganhos reais e eles estão acontecendo no Brasil. Este plano vai reduzir muito as injustiças que existem no Brasil.

Campus: Mas como o governo pode interferir nas reivindicações salariais?

Funaro: Não pode. No setor que está ligado ao governo, por exemplo, Banco do Brasil e Caixa Econômica, nós não podemos fazer este aumento. Precisaria haver um aumento dos juros do Banco do Brasil para todo o setor produtivo, o que certamente o deixaria numa situação de insolvência. Qualquer acerto destes é absolutamente impossível. Eu acho que é muito importan-

te toda a população ter certeza do que está reivindicando. Por isso, eu tenho insistido muito: greve é a última etapa. A primeira etapa é a discussão, ponderação das vantagens porque o Brasil tem que melhorar, o assalariado tem que melhorar, mas não há de ser na base da irresponsabilidade, nem lado, nem de outro.

Campus: O senhor considera irresponsável chegar à greve agora?

Funaro: Sem discutir? Eu acho que é uma atitude que queima a última etapa logo no início. Primeiro, sempre a discussão, até para propor. Depois da proposta, aí se

negocia. Depois da discussão, se fazem as pressões maiores que são o estado de greve. Neste momento, em alguns setores produtivos, eu acho que é irresponsabilidade. A população acaba sofrendo.

Campus: O governo vem insistindo na necessidade dos empresários investirem para viabilizar o crescimento econômico. No entanto, existe no meio empresarial uma incerteza que inibe os investimentos, na medida em que não se sabe qual vai ser a política econômica do Governo a longo prazo para reter o consumo...

Funaro: Nós tínhamos um determinado nível de consumo. Depois do dia 28 de feve-



FUNARO: O CRUZADO JÁ DEU CERTO

reiro, ele subiu. O que nós temos pedido à população é que poupe um pouco mais para estabilizar neste nível maior. Nós estamos com níveis de consumo realmente incríveis, e desejamos que a oferta, que estava com capacidade ociosa, se encontre com o nível de consumo. Na hora em que se encontrar, os preços vão ficar mais estáveis do que hoje. Ate podem cair porque começa a voltar um poder de negociação no mercado que não existe hoje. Para a oferta chegar no nível do consumo ainda precisa muito investimento, e estão investindo muito. Isso de que não estão investindo é muita conversa. A indústria nacional produz 2 bilhões de dólares, por ano, de máquinas novas, o que dá 170, 180 milhões de dólares, por mês, e tudo isso está vendido.

Campus: Depois de seis meses do Plano Cruzado, uma das questões que mais surgem dentro da Universidade é a razão de ser do plano. Os estudantes questionam: foi simplesmente para dar estabilidade ao Governo Sarney, para desestabilizar a esquerda, desindexar a economia ou para uma melhor distribuição de renda?

Funaro: Com as duas últimas eu concordo; as duas primeiras seriam muito pouco. Há anos que estudávamos como é que se fazia para tirar 300 por cento de inflação de uma nação como o Brasil. Toda a discussão era no sentido de que isso só era possível com recessão. No fim, um grupo achou que era possível com desenvolvimento e nós montamos o Plano Cruzado, que acabou dando certo. Ele tem como função alguns pontos principais. Primeiro, que o desenvolvimento trás ao Brasil a chance de não se afastar tecnologicamente do mundo. Nós estávamos, há quatro anos, em recessão. Em mais três anos, nós iríamos ficar sete anos atrasados em tecnologia. Você estaria condenando uma nação que fez uma grande revolução industrial a ficar dez anos atrasada no mundo. Nós teríamos problemas enormes para fazer a segunda revolução industrial, o que afastaria muito o Brasil de competitividade no mercado internacional. A distribuição de renda também era importante e começou, no ano passado, através da reforma tributária, diminuição do Imposto de Renda na fonte e uma porção de medidas e melhorou

com o Plano Cruzado. Porque na hora que você pára de corrigir o capital, mensalmente, e os salários em 90, 180 dias, há estabilidade de preços e salários. Além disso nós sonhávamos muito que o brasileiro deveria ter a oportunidade de poder programar a sua vida. Isso tinha acabado, não existia mais no Brasil. A programação da vida da família, da empresa, do País, tudo isso estava muito ligado à construção de um Brasil moderno. Ou nós vamos ser um País sempre do empreguismo, da corrupção, do apadrinhamento, ou nós vamos ser um País moderno. Se nós vamos ser um País moderno, a estabilidade era absolutamente indispensável. Hoje em dia, eu acho que todos nós já podemos começar a sonhar com um outro tipo de país. Um país que dê respostas efetivas a toda essa posição, que todos os setores, todas as ideologias podem propor numa sociedade democrática.

Campus: O senhor disse, há cerca de seis meses, numa entrevista ao Jornal do Brasil, que se sentia na fase mais criativa de sua vida. O senhor ainda se sente assim?

Funaro: Eu sinto sim. O Plano Cruzado estabilizou-se. A estabilidade dele é como se fosse um alicerce onde você tem que reconstruir todos os sistemas em cima. Isso não está acontecendo comigo, não. Está acontecendo com todos nós. Vocês mesmo, hoje, estão reconstruindo valores impor-

Eu acho que é irresponsabilidade, neste momento, em alguns setores produtivos, chegar à greve. A população acaba sofrendo.

tantes de suas vidas como pessoas que podem olhar o futuro. Reconstruir uma fase que, certamente, vai viver alguns anos de crescimento, com a diminuição da pobreza absoluta, com a diminuição de toda aquela ciranda financeira. Agora, você pode premiar quem produz, quem trabalha — diferentemente do que estava ocorrendo — e permite que cada um de nós possa conviver com fases de criatividade. Porque um país moderno, é moderno a partir da mentalidade de seu povo, da forma de viver de seu povo, do sistema e de como a gente encara a própria vida. Nessa concepção de Brasil moderno está todo um fundamento de transformação que vai ser extremamente positiva se nós realmente formos criativos o suficiente para ir resolvendo os problemas brasileiros.

Campus: O senhor tem dito à imprensa que se dedica de 16 a 24 horas por dia na condução da política econômica. Até que ponto o senhor não estaria negligenciando sua vida pessoal, sua família?

Funaro: Não foi minha mulher que mandou você me perguntar isso, não? (Risos) Então tá bom. Sabe, eu acho que é o seguinte: foi muito carinhosa a forma como você colocou, mas eu acho que tudo tem o seu momento. E curioso porque eu já estive no Governo, 15, 16 anos atrás, e também me dediquei muito. Mas, particularmente, nesse momento da minha vida, é a única coisa com a qual eu estou profundamente ligado: a transformação brasileira. E a minha família entendeu bem isso e está muito unida nesse processo, me ajuda muito a que eu me dedique, o máximo possível, para transformar esse País. A chance brasileira, hoje, é uma oportunidade que não acontece muitas vezes. Você sair de 300% de inflação para chegar à quase zero ou a próximo de zero é algo muito difícil de ocorrer, assim como renegociar uma dívida externa brasileira que vai dar a posição de independência para todos nós. Tudo isso está tão ligado que perder qualquer minuto seria um desperdício, não é?

Campus: Isso justifica o fato do senhor como empresário largar a iniciativa privada?

Funaro: E, isso é verdade, eu larguei tudo. Entreguei aos meus filhos e larguei absolutamente tudo. Eu estou profundamente ligado ao que estou fazendo nesse momento.

Campus: O senhor acha que tem um papel importante a cumprir na história brasileira?

Funaro: Eu não sei se é importante (risos), mas pelo menos eu estou fazendo tudo que posso. Mas eu acho que é uma coisa... Essas coisas são fases da vida, tem que fazer...

Campus: Isso justifica o senhor se distanciar da política também?

Funaro: Ai é diferente. Eu vou te dizer porque eu não tenho ido a comícios. Eu fiz isso muitas vezes, inclusive como empresário. Sempre fiz questão de estar em todos os movimentos que eu acreditava, como as eleições diretas. Mas agora é diferente porque eu tenho um problema realmente sério. Em todos os Estados existe, hoje, divisão partidária para poder conseguir, no fim, eleger seus governadores. Apesar de eu querer me envolver, gostar de me envolver, eu tenho que ter envolvimento através do plano de estabilidade que está acima

das disputas partidárias. Numa reunião, com os governadores do Nordeste, que aconteceu no Palácio, seis deles pediram ao Presidente para que eu não fosse ao Nordeste até a eleição. Eu quero ir ao Nordeste para resolver o Plano Cruzado. Eu não vou me envolver em eleição, mas eu tenho que estar lá. Eu tenho feito um Estado diferente, por semana, para estar em contato com o povo, descobrindo o que está acontecendo, corrigindo, tirando as distorções do plano. Eu não posso ficar como um elemento político que não pode ir a um Estado ou a uma região do País. O Plano Cruzado é muito mais importante. Eu sempre participei de campanhas, mas, desta vez, eu tenho que estar um pouco de fora.

Campus: A contragosto?

Funaro: A contragosto! Eu gosto de política, sempre fui muito claro nas minhas posições, mas eu tenho que ficar, neste momento, um pouco distante para não ter problemas.

Campus: Dentro do projeto do governo de priorizar o ensino básico, no setor social, qual o papel, na sua opinião, que a Universidade deve desempenhar? Qual a sua importância?

Funaro: Olha, Universidade, em todos os momentos, é extremamente importante, e

Ou nós vamos ser sempre um país do empreguismo, da corrupção, do apadrinhamento, ou um país moderno. Se nós vamos ser um país moderno, a estabilidade é absolutamente indispensável.

num momento de decisão da nação, ela também passa a ocupar seu ponto principal. Todos os grandes centros de desenvolvimento, quer intelectual quer de pesquisa, tiveram como base os centros universitários.

Aqui no Brasil você pode examinar que, onde existem pólos de universidades competentes e principalmente, que preparem os alunos para o desenvolvimento, são pólos de formação no qual se baseia o lastro de um País moderno. Acaba ocorrendo o seguinte: da Universidade de Engenharia de São José dos Campos, por exemplo, acaba saindo a Embraer. Através do desenvolvimento tecnológico dentro da universidade, o Brasil pode fabricar aviões como está fabricando. Existem outros centros de pensamento, a Puc de São Paulo, Brasília (em Economia, nos ajudou muito), a Unicamp de onde saiu o Plano Cruzado. Na realidade, a Universidade é a grande alavanca de desenvolvimento nacional. As vezes, me entristece ver algumas universidades abandonadas porque é de lá que tem que sair a grande transformação brasileira. Mas cabe a todos nós ir reformando, não é? Usando a criatividade, mudando, nós chegamos lá.

Brossard: não à censura a livros e jornais

MARIO CESAR ROSA

O ministro Paulo Brossard foi buscar numa frase cunhada pelo escritor pacifista francês, Romain Rolland, a senha com a qual pretende dirigir as suas fileiras no combate à violência: "A correção de uma injustiça não redime o mundo, mas ilumina um dia". Ou seja, Brossard prefere derrotar o inimigo da violência urbana e rural com pequenas e localizadas ações de "guerrilha", deixando um pouco de lado a deflagração das campanhas bélicas convencionais.

Fiel à sua tática, Brossard, entrenchado no quarto andar do Ministério da Justiça, viu-se sob fogo cerrado da imprensa e da opinião pública, ao desafiar para um duelo o saguinário e truculento Silvester "Cobra" Stallone. Resultado: Brossard mutilou-lhe cinco cenas, venceu a batalha, mas ainda não ganhou a guerra. "Da forma como está, a violência passou a ser uma coisa normal, uma coisa natural". E indaga: "importar o lixo da indústria cinematográfica estrangeira, pagando em dólar, diz respeito à cultura, à liberdade, à criação artística? Ah, pelo amor de Deus..."

Paulo Brossard entende que o estudante universitário possui grandes responsabilidades sociais, "muito maiores que a de outros brasileiros que não têm acesso ao privilégio que é o ensino". Nesta entrevista, ele defende a extinção dos cursos de comunicação e diz esperar que a próxima Constituição seja sintética e genérica, pois, caso contrário, alerta, "ela acabava virando um guia telefônico".

Campus — Ministro, existem duas posições difundidas a respeito da censura: a dos que a abjuram totalmente e a dos que entendem que ela deva existir, seguindo determinados parâmetros, onde o mais importante seria a definição desses parâmetros. Qual é a sua posição sobre o tema?

Brossard — Em matéria de censura houve muito abuso. E nada pior para comprometer uma idéia boa do que o abuso. Eu estou falando em tese, e não sobre censura. No que diz respeito à censura, o que se verificou foi uma censura desmesurada durante um longo período.

Campus — O senhor diz durante o regime autoritário?

Brossard — É. Uma censura desmesurada. Havia jornais que eram censurados da primeira à última página. O Estado de S. Paulo chegou a publicar os Lusíadas, creio que em duas edições; o Jornal da Tarde se especializou em fórmulas culinárias alucinadas. Isso criou uma aversão, uma justificada aversão. Assim, quando se fala em censura vem logo a imagem de uma coisa sacrílega, abjecta. E preciso fazer uma distinção: censura a livro, a jornal, não existe. Não existe e nem pode existir. A censura só é admitida entre nós, para jornais, em tempo de estado de sítio. É uma das liberdades expressamente suscetíveis de suspensão.

Campus — Isso está previsto na Constituição?

Brossard — Isso é da Lei. Não é de hoje, isto é tradicional. É um direito expresso.

Fora disso, não existe censura à imprensa, à literatura, no Brasil. Porém, é prevista a censura a espetáculos e diversões públicas. E não se diga que é da atual Carta política, que é uma Lei que não corresponde ao meu ideal. A Constituição de 1946, elaborada por uma assembleia constituinte, e que foi uma Constituição sob muitos aspectos muito boa, expressava no artigo 141, o artigo que trata das garantias e dos direitos individuais, a livre manifestação do pensamento, independente de censura, mas logo acrescentava que "salvo quanto a espetáculos e diversões públicas". O legislador entendeu que os espetáculos e diversões estão sujeitos a uma custódia social. Entendeu também que o princípio dos bons costumes deveria ser preservado. O cinema estaria inserido no conceito de espetáculo e diversão. E da mesma forma a televisão, porque a TV é um cinema multiplicado por um milhão ou mais.

Campus — O senhor teria pretendido chamar a atenção para a violência com o episódio da censura ao filme Cobra?

Brossard — O serviço de censura é feito por um departamento competente do Ministério, não é o Ministro quem o faz. Tanto assim, que eu fui surpreendido pelo clamor público em torno desse filme, cuja licença eu não tinha conhecimento. Aliás, nem dele, nem de nenhum outro. Até hoje, o serviço, que é autônomo, nunca me fez nenhuma comunicação de que tal ou qual filme foi liberado. No caso Cobra, em face do verdadeiro clamor público, eu acabei me ocupando do assunto, e determinei ao serviço que reexaminasse o caso.

Campus — O Serviço de Censura teria se equivocado?

Brossard — Eu não sei se houve equívoco. Eu sei que o filme, que inicialmente havia sido liberado para 14 anos, posteriormente veio a ser liberado só para 18 anos e com cinco cortes. E a mim parece que a violência estampada nas telas, muitas vezes brutal, bárbara, positivamente não contribui para um convívio polido e normal. Durante a reunião da Comissão Contra a Violência, veio à tona a discussão sobre a necessidade de se coibir a transmissão de filmes violentos...

Campus — O trabalho final da Comissão, aliás, propõe isso...

Brossard — Exatamente. O trabalho final da Comissão faz uma recomendação específica a esse respeito. Eu acho que o Serviço, que tem autonomia, deve ter critérios, diretrizes para proceder. O Ministro não vai estar orientando caso a caso. Mas neste caso, eu achei que era conveniente chamar a atenção, e usei esta oportunidade para que ele ficasse atento às sementes da violência que estão disseminadas em filmes. Eu tenho dito que a lei não deve ser aplicada com rigor. A lei deve ser apenas aplicada, com inteligência e lealdade. É aquela velha história: no Brasil, se o inquérito não for rigoroso ele não é inquérito. Tem que ser rigoroso inquérito. Eu já determinei que os inquéritos fossem simplesmente inquéritos, substantivos, sem adjetivo.

Campus — O senhor acha que a violência pode diminuir com a adoção de medidas dessa natureza?

Brossard — Uma pessoa me perguntou se eu achava que essa medida resolvia o problema da violência: não, evidentemente não. Não vai resolver. Mas eu também acho que cenas de brutalidade, de selvageria, não contribuem para diminuir a violência.

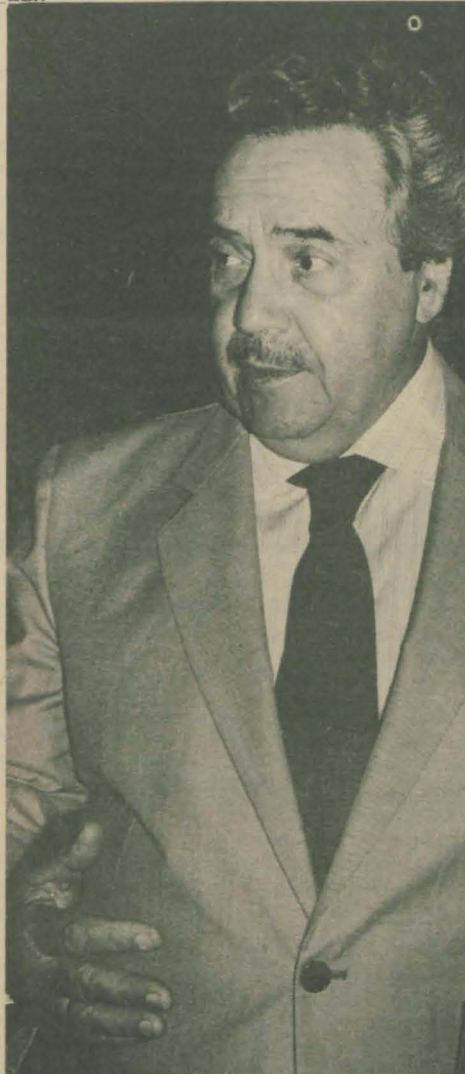
Campus — Ou seja, o corte não contribui mais a exposição também não?

Brossard — Veja bem: essas cenas semeiam a violência. A violência semeia a

“A exigência do curso de comunicação como condição ao exercício do jornalismo me parece corporativista. Estamos retornando, é incrível, ao corporativismo da Idade Média...”



EBN



violência, e vai deteriorando o sendo moral da pessoa, particularmente das pessoas jovens. O senso moral das pessoas vai-se acostumando com isso...

Campus — Então a sua intenção seria a de reacostumar as pessoas a terem repugnância à violência?

Brossard — As pessoas não podem se habituar a conviver com a violência. Da forma como está, a violência passou a ser uma coisa natural. E o que me deixa espantado é quando me vêm falar em cultura, em liberdade de criação, em relação a um produto industrial importado por quem está aqui para ganhar dinheiro, e ganhar dinheiro em dólar. Importar o lixo da indústria cinematográfica estrangeira, pagando em dólar, diz respeito à cultura, à liberdade, à criação artística? Ah, pelo amor de Deus...

Campus — Alguns intelectuais estariam preocupados muito mais com o precedente do que propriamente com o corte...

Brossard — Mas que precedente foi aberto?

Campus — Não o precedente constitucional, porque está previsto na Constituição, mas o fato de o Estado poder interferir em criações...

Brossard — Diga-me uma coisa: o comerciante que importar filmes podres, pútridos, asquerosos, que preferir este tipo de comércio, porque isto é um comércio, tenha paciência. Eu não vejo qual é o princípio de utilidade social que justifique isso. Eu li no Jornal do Brasil uma reportagem falando sobre a censura a livros, jornais, etc. Ou seja, a jornalista nunca leu a

Constituição da República. E não é esta não, é aquela que vem de 1946...

Campus — Então o senhor acha que falta mesmo informação às pessoas?

Brossard — As pessoas têm facilidade de dizer coisas e muitas vezes não se dão ao trabalho de um leve estudo...

Campus — O senhor defenderia um maior aprofundamento, na próxima Constituição, dos critérios utilizados para a censura?

Brossard — Não, não... a Constituição não é regulamento administrativo, a Constituição deve ficar estritamente em suas linhas gerais, senão vira guia telefônica...

Campus — Na sua opinião, qual a importância do estudante no momento atual?

Brossard — No meu tempo de estudante, eu nunca gostei da classificação em termos de cidadania. Pelo fato de ser estudante, eu nunca me considerei melhor do que outro que não era estudante...

Campus — Mas a Universidade está emergindo agora de um longo período de apatia...

Brossard — Quando eu estudei, não havia isso. Não era esse o problema. Eu acho que o estudante tem, de certa forma, uma situação privilegiada, ao ter acesso a meios que a maioria da população não tem. E por isso mesmo, parece-me que é uma questão de responsabilidade social, porque ele tem responsabilidades sociais muito maiores do que a de outros brasileiros. A Universidade tem de ter um lugar especial, exatamente porque se presume que ela seja a melhor fatia da sociedade. E outra coisa: uma universidade custa muito dinheiro à Nação. Pelo menos teoricamente, a Universidade é um centro de fecundação espiritual. Eu sei que nossas universidades não são exatamente modelares, mas nós temos de ver este problema em relação às realidades de nosso País. Mesmo assim, elas estão num patamar muito especial...

Campus — As universidades, a cada dia mais, transformam-se num canal de profissionalização. O senhor defenderia a sua orientação no sentido do social?

Brossard — E se fosse ainda um bom profissionalizante... Há muitas instituições que são apenas fábricas de diplomas. Eu sou professor há muitos anos, e vejo certos cursos que funcionam que me dão pena, pena das pessoas que o frequentam. Como há moda em tudo, há também neste campo. Dói-me o coração ver um rapaz em um ensino deficiente.

Campus — O senhor é a favor da extinção dos cursos de Comunicação como pré-requisito do exercício da profissão de jornalista?

Brossard — Pelo que eu tenho visto, os cursos de jornalismo não são bons, qualitativamente não são bons. Eu tenho contato com jornalistas, e às vezes me pergunto de como se pode exercer essa profissão, que exige um espectro de conhecimento não profundos, mas gerais, quando pessoas não sabem coisas elementares, o que dificulta a própria conversação. Eu tenho dito que o Evaristo da Veiga não frequentou esse curso, o Quitino Bocaiuva também não, o Ferreira de Araújo, o Rui Barbosa, o Assis Chateaubriand, o Carlos Lacerda, o Lindolfo Collor, o Orlando Dantas, o Júlio Mesquita. Ou seja, a exigência desse curso como condição para o exercício da profissão me parece uma tendência corporativista, que no Brasil atingiu níveis fantásticos. Outro dia, eu encontrei um livro enorme, somente com as leis reguladoras de profissões. E tem algumas que, diga-se com franqueza, é de se achar até graça. Nós estamos voltando ao corporativismo medieval...

A tesoura se revela...



Um goiano que mais parece um mineiro por suas posições e afirmações, o mais antigo ocupante do cargo de censor e atual Diretor da Divisão de Censura, da Polícia Federal, Coriolano de Loyola Fagundes, parece ter se engajado, rapidamente, aos 'ares democráticos' da Nova República. Por defender, atualmente, uma censura classificatória, ele não mediu esforços nem mesmo ao enfrentar o seu superior, o ministro da Justiça Paulo Brossard, que no episódio "Cobra", queria o veto integral do filme de Sylvester Stallone. Coriolano, imediatamente elaborou um documento onde mostrava que essa atitude, do ponto de vista legal, seria inviável. Isto porque, em um de seus argumentos, justificava que uma vez emitido o certificado de censura, o interessado e as empresas adquirem o direito de exibição por cinco anos e esse direito não pode ser interrompido. Ao que tudo indica, o xerife que empunhou a bandeira antiviolença, teria se sensibilizado mais por este argumento. Brossard não se deixou levar pelo argumento de Coriolano de que conteúdos de violência não estão previstos na lei de censura como motivo de vetos ou mutilações a obras cinematográficas.

Censor desde dezembro de 1961 e diretor da Censura desde abril do ano passado, Coriolano chegou a criticar o ex-ministro Fernando Lyra por ser precipitado em proclamar o "Adeus Censura".

existe da parte de artistas, intelectuais e do próprio governo dos Estados Unidos, por exemplo, uma abominação, um preconceito enorme contra o termo censura. Nos Estados Unidos, dizem ser uma sociedade onde não há censura. Então você precisa definir. Não existe censura, e que censura é esta que não existe lá? Porque na sociedade americana efetivamente existe censura, uma censura classificatória. Mas eles chama de Conselho Classificatório. A nossa é exercida pelo Estado, pelo Governo e a deles é da iniciativa privada. Eles estabelecem as classificações que correspondem a níveis de idade. E eles também detêm o poder indireto de vetar totalmente, inclusive.

Campus: Será feito um anteprojeto? Como ficou aquele documento?

Coriolano: Existe um anteprojeto sendo revisto e elaborado pelo Ministério da Justiça. Existem vários projetos, inclusive, dois tramitando no Congresso Nacional, sobre censura. Eu tenho sentido no âmbito ministerial que parece ser o pensamento do ministro Paulo Brossard, de que tratar da questão da censura agora é prematuro. Porque vem aí uma Constituinte e essa Constituinte é soberana nas suas decisões, ela que vai determinar se deve existir ou não a censura e, em existindo, onde ela deve se situar, se na política, no Ministério da Cultura, enfim. Ela vai dispor tudo sobre a censura em termos constitucionais.

Campus: Fazendo uma comparação do episódio Cobra com episódios da Velha República, você acha que a censura mudou em alguma coisa?

Coriolano: Eu acho que mudou. Apesar da gente estar fundamentado na mesma estrutura jurídica e obsoleta que precisa ser mudada, nós imprimimos à Censura, um caráter classificatório. Nós, efetivamente, abrimos mão da faculdade de proibir. Nós não temos proibido. Proibido mesmo, existe uma única exceção que é o Je Vous Salue Marie.

Campus: Mudou, apesar de mutilar filmes, como o caso de Cobra?

Coriolano: Apesar de mutilar, mas é classificatório. Eu acho que é melhor salvar alguma coisa do que perder tudo, não é? Nesse filme, por exemplo, no caso específico de Cobra, se ele é tirado abruptamente de cartaz, representaria uma perda total, uma cessação de lucro, de bilheteria e tudo. Então foi uma solução paliativa, mais branda do que a própria interdição.

Campus: Subiu de 14 para 18 anos e foram vetadas cinco cenas. Isso foi uma sugestão sua?

Coriolano: Foi uma sugestão minha, exatamente com vistas a conseguir que não fosse integralmente interdito o filme. O jornal está dizendo que são quatro minutos e trinta segundos. Não é isso, são vinte segundos de fita, vinte segundos de climax de violência. Então, a solução num caso desses, me parece muito melhor você perder vinte segundos do filme do que perder uma hora e quarenta e cinco minutos, que é a duração do filme.

Campus: Você, pessoalmente, acha que o filme sobre violência pode gerar violência?

Coriolano: A corrente maior contra a violência sustenta até que a violência nas diversões públicas estimula a violência na sociedade, onde ela é defendida. Então, a ideia geral é essa, porque a violência é um comportamento anti-social. A ideia é essa, de que o filme de conteúdo de violência pode gerar convulsões sociais, comportamentos anti-sociais indesejáveis, ou seja, pode estimular a violência na própria sociedade. Então, ao se atenuar o conteúdo de violência, o que se objetiva é a segurança social.

sura hoje é dotada de um instrumento legal que possibilita duas alternativas: ou você classifica em elevado nível de idade, em baixo nível de idade, de acordo com o conteúdo do espetáculo ou então determina supressões que adequam o filme a determinado nível de idade. Por exemplo, a televisão tem uma série vendida como livre e mudam a política governamental de maior cuidado com conteúdo de violência. Então nós temos aí duas alternativas. Ou nós impomos cortes ao filme de maneira a atenuar o conteúdo de violência ou adequar o filme ao horário pretendido pela emissora ou então nós elevamos o nível de idade. E essa opção, no meu entender, num regime democrático, deve ser dada a parte, porque ela é detentora do direito de exploração comercial, do direito patrimonial sobre o filme, que ela adquire do autor. Essa opção vem sendo dada para televisão e para cinema. Agora, quando entra em conflito o interesse econômico de uma sociedade com o interesse social, a censura acha que o filme deve ser classificado num determinado nível de idade e ele se nega a impor o corte, então a censura decide ela mesma, se corta ou se eleva o nível de idade.

Campus: Filmes para cinema ou programas de televisão continuam sofrendo cortes, em determinados casos?

Coriolano: Tão logo o ministro mandou a instrução de se olhar com maior cuidado o conteúdo de violência dos filmes destinados à televisão, nós baixamos uma portaria dando a faculdade às empresas de radiodifusão, de fazerem, elas mesmas, a remontagem dos filmes que vêm para a censura, com o fim de atender à necessidade delas em termos de horário. Então, essa opção de cortar é dada a elas e em geral, elas fazem supressões e declaram no pedido de censura que concordam com qualquer supressão adicional, eventualmente, sugerida pela censura.

Campus: Você não acha que pegar esse argumento da violência para interditar um filme não é muito da vontade própria do ministro? Isso não abre um precedente para outros argumentos sejam motivos de vetos, futuramente?

Coriolano: Ainda rememorando o início do governo do ministro Fernando Lyra, que foi o início da Nova República, ele tratou desde o início, especificamente, da extinção da censura política e ideológica porque efetivamente, quando você utiliza-se do instrumental da censura para fins ideológicos e políticos, está desvirtuando o instrumento. Porque o que visa a censura é o bem-estar do menor, em última análise. É legítimo, entendo eu, a tutela que o Estado exerce sobre o menor, procurando selecionar diversões públicas de maneira que elas atendam às necessidades psicológicas, intelectuais, morais da criança. Então, o objeto do zelo do Estado, do Governo, deve ser sempre o menor. E, delimi-

tando esse zelo, a maioridade. No momento que o cidadão adquire a capacidade plena do ponto de vista civil, ele pode casar, ele pode ir à guerra, ele deve poder também, escolher a diversão que melhor lhe convém.

Campus: Você concorda então com aquele julgamento daquela comissão, estabelecendo que a censura deve ser apenas classificatória?

Coriolano: Eu acho que a censura deve ser só classificatória, sim. A censura proibitória não tem razão de ser. E acho que, perdendo a ausência, o equivoco na condução do problema, da parte do ministro Fernando Lyra, foi que ele anunciou prematuramente a extinção da censura. A gente só poderia ter anunciado a extinção da censura no momento em que a gente modificasse as leis que regem a censura. Efetivamente, o ministro Fernando Lyra poderia ter aguardado que se modificassem as leis. O erro nosso, e eu posso criticar porque integrei a equipe dele e não estou falando de terceiros, estou falando de mim mesmo, o erro básico nosso foi que nós perdemos muito tempo em elocubrações, em discussões jurídicas em torno da legislação da censura ao invés de partir objetivamente para um anteprojeto e no início da gestão dele devíamos ter mandado para o Congresso Nacional para colocar logo em discussão a questão da censura.

Campus: Aquela "Adeus Censura", que na época parecia uma realidade, agora parece mais uma utopia...

Coriolano: Estava mais próximo. Havia mais vontade, mais coisa no sentido de se implantar um órgão classificatório. Agora, por outro lado, eu acho também que

“Eu acho que a censura mudou. Apesar da gente estar fundamentado na mesma estrutura jurídica e obsoleta que precisa ser mudada, nós imprimimos à censura, um caráter classificatório. A censura proibitória não tem razão de ser. Nós abrimos mão da faculdade de proibir e não temos proibido.”

CLAUDIA MOEMA

Campus: Como se deu o episódio Cobra, porque você não quis vetar o filme, como o ministro Brossard determinou?

Coriolano: O início do questionamento do filme foi a partir de uma reportagem publicada no *Jornal do Brasil*, e tratava-se de filme liberado regularmente pela censura com a classificação de 14 anos de idade. A proposta inicial dos censores era de liberação para 16 anos ou para 14 anos com cortes. E eu avoquei a responsabilidade da liberação e dispensei os cortes para 14 anos. Após aquela manifestação de certos setores da imprensa achando que o filme é excessivamente violento, o ministro me interpelou porque havia sido liberado. E eu expliquei a ele que tinha sido liberado no trâmite normal da censura e mesmo, porque não havia proposta de interdição da parte dos censores que examinaram o filme. E levei a ele um relatório no qual explicava toda a tramitação e quais os elementos de convicção que me havia levado a liberar o filme com essa classificação de idade em todo o território nacional. E acredito que o relatório tenha, de alguma maneira, sensibilizado o ministro da Justiça, que cedeu um pouco e abriu mão daquela interdição que inicialmente era a ideia dele — que fosse recolhido porque era de efeito deletério, segundo pensamento dele, na formação da criança, do infante-juvenil. E, efetivamente, como solução mediadora, que procura atender aos interesses da sociedade, em termos de proteção de menor, leva também o interesse de firmas legalmente constituídas que têm como objeto de exploração, objeto lícito de comércio, a exploração do filme nas suas exibições públicas e que se interrompido, suspenso esse direito, geraria inclusive para eles, à indenização porque o filme já estava liberado e já era portador de um certificado de censura que autorizava a exibição por cinco anos. Então, foi efetivamente, uma solução mediadora e procurando conciliar os interesses da sociedade com os interesses de empresas legalmente constituídas na exploração de películas cinematográficas.

Campus: O ministro Brossard, desde que assumiu o cargo, vem afirmando que é preciso que se cumpra a lei à risca. Você vem cumprindo a lei de censura à risca?

Coriolano: A Censura, ainda hoje, se fundamenta na legislação que data de 1946. Uma outra lei fundamental de censura é de 1968 e finalmente, houve o decreto 1077, que é de 1970. Nós temos o 20.493 que é um decreto aprovado numa fase de transição. Havia caído a ditadura de Vargas e ainda não se havia aprovado a Constituição de 46, que foi no final do ano e esse decreto é do início do ano. Então foi uma legislação de censura para atender a um período de transição e um período de exceção. De certa forma, o 20.493 a partir da Constituição de 46 passou a ser inconstitucional em confronto com a Constituição que foi aprovada posteriormente a ele. A lei básica de censura hoje em dia, que é a lei 5.536, dispõe sobre peças teatrais e, no artigo terceiro, sobre a censura de obras cinematográficas. No enunciado do artigo primeiro, estabelece-se que a censura é classificatória salvo as exceções previstas na lei. E no artigo segundo, de teatro, a legislação prevê a possibilidade de interdição sobretudo por aspectos atentatórios à segurança nacional, porque na época da aprovação da lei da lei, existia o fantasma da segurança nacional. Já no artigo terceiro, que trata especificamente de cinema, a legislação fala em censura classificatória ou liberação integral ou parcial. Levou-se à consideração tais e tais aspectos. Então, entendeu eu, que para cinema prevalece o princípio classificatório. E quando ele fala em liberação parcial ele está admitindo supressão, admitindo corte. Então, a cen-

Reações

às picadas de Brossard

“Embora eu reconheça que a censura só deve ser utilizada em caráter excepcional, quando um filme estimula a violência, o Estado deve censurá-lo.”

D. José Freire Falcão

ANTÔNIA MARCIA



“Não concordo com nenhum tipo de censura. A atitude do ministro Brossard não condiz com o anteprojeto de lei elaborado pela Comissão da qual participei.”

Chico Buarque

ARQUIVO/CAMPUS



“Não podemos ser coniventes com a censura. Seria uma incoerência artistas defenderem a limitação da liberdade de expressão. Quem deve julgar é o público.”

Vladimir de Carvalho

Stallone Cobra embarcou nos cinemas de todo país com suas bazucas e canhões, e levantou uma nova polêmica. Nessa página, as opiniões de Chico Buarque, Vladimir de Carvalho e da Igreja sobre a censura ao filme.

“A censura é um retrocesso”

FRANCISCO DE PAULA

“Eu não concordo com nenhum tipo de censura. Não assisti ao filme ‘Cobra’, mas a atitude do Ministro Paulo Brossard não condiz com o documento feito pela Comissão de que participei. Este previa somente a classificação de espetáculos de acordo com a faixa etária do público. É muito duro trabalhar, trabalhar, para depois ver a carta que fizemos ser simplesmente arquivada e esquecida”. Este foi o desabafo de Chico Buarque, quando de sua visita à UnB, ao tratar a respeito dos cortes realizados e defendidos pelo atual Ministro da Justiça.

Chico tem lutado ativamente para que as mudanças no quadro político e social se concretizem, desde sua participação, em praça pública, a favor das Diretas. Como advento da Nova República, prestou colaboração ao governo, trabalhando em uma Comissão, presidida por Pompeu de Sou-

sa, que visava ao aprimoramento da lei de censura.

Artistas e intelectuais, como Dias Gomes e Antônio Houaiss, também participaram da elaboração do documento que foi entregue no dia 29 de julho do ano passado, a Fernando Lyra, na época, Ministro da Justiça. A solenidade aconteceu em um ato público “Adeus Censura”, realizado no Teatro Cada Grande, no Rio de Janeiro. Nessa ocasião, o governo anunciou o fim da censura.

Hoje em dia, no entanto, para Chico Buarque, os fatos provam o contrário: cortes realizados no enlatado norte-americano “Cobra”, assim como a proibição do filme “Je Vous Salue Marie” de Jean Luc Godard, embora defendidos por argumentos fortes — o primeiro por incentivar a violência, segundo Paulo Brossard, e o outro por depor contra a imagem de Nossa Senhora, de acordo com a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) — significam um retrocesso em termos de lei.

Bispo é a favor de proibição

GUILHERME EVELIN

“É um dever do Estado preservar o bem comum da sociedade. Embora eu reconheça que a censura só deve ser utilizada em caráter excepcional, tratando-se de um filme que apresenta a violência como um fato social normal e que, até mesmo, a estimula, acredito que seja um caso em que o Estado tem o direito de exercer sua autoridade de censurar, olhando o bem comum”. É essa a posição que o Arcebispo de Brasília, D. José Freire Falcão, manifesta sobre a polêmica suscitada em torno do filme Cobra. Na verdade, uma posição bastante previsível, mas que não deixa de assumir certa importância, na medida em que a Igreja já demonstrou o seu poder de fogo em questões de censura, desde o episódio do filme Je vous salue Marie, de

Jean Luc Godard.

Para o arcebispo, quando se censura filmes desse tipo não se trata de violação da liberdade individual, nem do direito de cada um escolher o filme que deseja ver. “Na vis-ao cristã, a liberdade individual não é absoluta. Ela está condicionada ao bem comum, e tem seus limites no respeito aos direitos dos outros indivíduos. Não se trata aqui de uma falta pessoal que não vai ter repercussão para toda a sociedade, mas de um filme que pode prejudicá-la em seu conjunto”. Embora faça ressalvas de que não tenha visto o filme, D. José Falcão não hesita em enquadrá-lo como uma daquelas produções culturais, “típicas do mundo moderno”, que estimulam e propagam a violência. E arremata: “Quando o Estado censura um filme desse tipo, não está indo contra os princípios da democracia, ao contrário está os fortalecendo”.

Liberdade para o público

GUILHERME EVELIN

“A sociedade não é preservada através de um órgão da polícia que proíba filmes. Ela é preservada através de melhores condições de vida, com o desarmamento no campo, com segurança para os cidadãos”. É assim que reage o cineasta e professor da UnB Vladimir de Carvalho sobre a censura ao filme Cobra. Embora acredite que o filme possa conter passagens “prejudiciais”, Vladimir não admite coonestar o que ele considera “uma imoralidade, uma obscenidade”. “Não podemos ser coniventes com a censura. Seria uma incoerência os artistas defenderem a limitação da sua matéria prima que é a própria liberdade de expressão. Quem deve selecionar, que deve julgar se determinado filme é bom ou ruim é o público. As obras ou as anti-obras devem circular livremente, e esse é um risco que as democracias correm”.

Vladimir acredita que a polêmica criada em torno do filme não passa de uma manobra, de um subterfúgio do ministro da Justiça, Paulo Brossard, para desviar as atenções da verdadeira questão que é a violência no campo e na cidade. E se empenha

agora na luta por uma censura classificatória, que não proíba e que seja somente um alerta, uma orientação aos pais sobre o conteúdo dos filmes. E que caso já existisse, certamente teria evitado que três dos filmes de Vladimir (Itinerário de Niemeyer, O Evangelho Segundo Teotônio e O País de São Saruê) tivessem tido problemas no passado com a censura. O País de São Saruê ficou nove anos retido nas prateleiras. (concluído em 1970, só foi liberado em 79) E O Evangelho Segundo Teotônio teve seis minutos de cortes, que muito prejudicaram a carreira comercial do filme.

No final das contas, a questão mais importante que se levanta com toda essa discussão em torno de Stallone Cobra, segundo Vladimir, é descobrir formas de impedir o verdadeiro bombardeio publicitário que é feito pelo cinema americano em cima do público. Outdoors gigantescos, páginas inteiras de jornais, propaganda maciça de rádio e televisão. E o pobre cinema nacional confinado a uma precária rede de distribuição e exibição. Vladimir acha que a sociedade tem que ter mecanismos para coibir isso, e dá seu veredicto: “Sou contra toda forma de censura, mas não aceito o abuso econômico”.

Autor local não tem vez nas editoras de Brasília

SUSANA DOBAL
JAUL RAMALHO

O autor brasileiro não tem vez no mercado editorial da cidade. Essa é a opinião dos escritores e a situação das editoras não nega a pouca aceitação que tem o autor local. Em Brasília, somente a Editora da UnB consegue sobreviver da edição de livros; todas as outras sobrevivem de trabalhos gráficos.

Para João Carlos Taveira, coordenador do Movimento dos Escritores Independentes, o problema está na grande quantidade de poetas, na baixa qualidade e na falta de bairrismo do público. Já Cassiano Nunes, professor da UnB que escreve há 50 anos, acha que não existe o hábito de leitura: "Apenas uma editora, a thesaurus, valoriza o escritor brasileiro".

O próprio autor paga a edição e faz a distribuição

Dificilmente o escritor conseguirá editar o seu livro aqui, recebendo o que é estabelecido por lei, ou seja, dez por cento sobre o preço de capa. O que acontece em Brasília é que o próprio autor paga pela edição do seu livro e ele mesmo se encarga da distribuição. A editora termina servindo apenas como uma intermediária entre o escritor e a gráfica.

DIREITOS

Os direitos autorais só são pagos sistematicamente pela

Editora da UnB, que nunca divulgou autores brasileiros na área de literatura, apesar de ter um projeto junto a Editora Thesaurus de promover a produção local. Mesmo dedicando-se exclusivamente ao saber científico e a autores consagrados, ela teve que solucionar o problema da distribuição usando a mala direta.

E que as livrarias dificilmente expõem o volume no local em que o autor gostaria que estivesse e muitas vezes chegam a sumir com o livro. O caso de Nevinho Alarcão, escritor independente com dois livros editados em Brasília, é exemplar. Como é costume entre os escritores que não têm um esquema de distribuição, ele deixou seus livros em consignação em diversas livrarias. Isso significa que elas receberiam 30 por cento sobre o preço de capa por livro vendido.

Depois de ter notícia que um amigo havia comprado um exemplar na livraria da Rodoviária, ele foi fazer o ajuste de contas. Ficou admirado com o grande interesse do livreiro que, dizendo-se responsável pela divulgação, falou que tinha mandado todos os exemplares para outras cidades. Como ele, muitos escritores nunca mais voltam a ver seus livros ou o dinheiro, depois de deixá-los nas livrarias.

OPÇÃO

A opção que resta ao escritor independente é a venda de mão em mão. No final da década de 70,

Nicolas Behr: "A editora sempre distorce a nossa idéia de como vai ser o livro, por isso prefiro eu mesmo lançá-lo".



SUSANA DOBAL

na época da poesia de mimeógrafo, poeta Nicolas Behr vendeu oito mil exemplares do seu Best Seller "Iogurte com Farinha", em bares, na saída de shows e de peças de teatro. Mas isso foi uma época e hoje ninguém está mais disposto a enfrentar o corpo a corpo. A poesia perdeu um pouco o sabor de novidade e encontrou um público específico.

Os poetas tiveram que encontrar alternativas profissionais: Nicolas Behr hoje trabalha com publicidade, Nevinho Alarcão está se virando no cinema, e Guido



J.C. Taveira: "O escritor marginal foi substituído pelo independente que é o que paga para ver seu livro editado".

Heleno, escritor brasileiro que primeiro "armou" na literatura independente, hoje faz sucesso na literatura infantil, tendo lançado este ano "O Mistério dos Triângulos Amarelos". A grande aceitação da literatura infantil vem se dando junto ao público e consequentemente também junto às Editoras. Jair Vitória, outro escritor brasileiro, sempre encontrou quem editasse os seus dez livros de literatura infantil, mas teve que custear a edição de seu romance porque nenhuma editora se interessou por ele.

Premiado, Tigipió entra em circuito

JANE ARAÚJO

Depois de conquistar prêmios na Suíça, França e Havana, o filme Tigipió, do cineasta e professor Pedro Jorge de Castro, entra no circuito comercial de Brasília no próximo mês de outubro. Trazendo no seu elenco o ator José Dumont, premiado com o melhor ator no VII Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano, o filme tem provocado polêmica por onde passou, tendo o diretor Pedro Jorge de Castro sido convidado por várias instituições para contar a experiência de uma saga nordestina de paixão e morte, como fez recentemente em Angola, de onde acaba de retornar.

Quando esteve em Cuba, no final de 1985, Pedro Jorge participou, juntamente com o cineasta João Batista de Andrade, de uma reunião da Fundação de Cineastas da América Latina, onde foram discutidos o encaminhamentos das co-produções. Em junho, ele esteve em Verona, na Itália, para a exibição de Tigipió na Mostra do Novo Cinema Brasileiro. Encontravam-se lá os cineastas Nelson Pereira dos Santos, Tisuka Yamazaki, Roberto Farias, Joaquim Pedro de Andrade, entre outros. Na ocasião discutiu-se a Nova Abordagem Poética e Sociológica do Cinema Brasileiro.

Pedro Jorge viajou ainda à Tchecoslováquia, para o Festival de Karlovy Vary. Nos debates em torno de seu filme, o cineasta fez uma exposição a respeito de produções de baixo-custo, tema no qual tem uma boa experiência. Assistido por uma delegação angolana que lá se encontrava, terminou recebendo um convite para dar um curso de uma se-

mana em Angola sobre o tema. Acompanhado dos cineastas Zelito Viana, que foi falar sobre Cinema e Sociedade e de Eduardo Coutinho ("Cabra marcado para morrer") que discorreu a respeito da relação cinema/televisão. Pedro Jorge confessa ter colhido fortes impressões dos lugares por onde esteve.

Impressiona, afirma ele, como esses países, apesar de terem em comum o regime político, sejam tão diversos um do outro. Em Cuba, por exemplo, é notável a realocação de dignidade entre o cidadão e o Estado. A eficiência dos serviços públicos e o respeito pelo bem comum dão densidade ao comportamento comunitário. A revolução cubana, prossegue Pedro Jorge, desde o início havia se voltado basicamente para as questões do campo, investindo em seu desenvolvimento. Entretanto, o turista que visita Cuba se surpreende ao encontrar as cidades bem conservadas e limpas. E, observa ele, só este ano teve início o plano de recuperação urbana. A população conforme constatou o professor, é bem servida e existe um padrão de vida justo.

Traçando um paralelo entre Cuba e o Nordeste, em particular o Ceará, seu Estado, Pedro Jorge disse perceber que em alguns aspectos do ponto de vista físico e, em relação ao político, ao cultural e ao social, o Nordeste está liquidado. No entanto, essa afirmação um tanto drástica é amenizada com a crença de que a situação não seja irreversível, pois, conforme ele acredita, a exoerência dos caminhos trilhados pelos povos são hoje patrimônio da humanidade.

Pedro Jorge ressaltou também o fato de que em Cuba a administração social

considera a produção cultural como fator de coesão. "A cultura é um elemento harmonizador da sociedade e através do debate cultural faz-se a história caminhar".

Na Tchecoslováquia, Pedro Jorge disse ter sentido uma sociedade sedimentada que, pela própria tradição europeia, se relaciona de forma bem diversa da dos cubanos. O país, desenvolvido tem as necessidades da população atendidas e, como em todos os países socialistas, a educação, o trabalho, a saúde, a habitação, a alimentação, etc., são estruturadores do tecido social. Segundo o cineasta, o Festival de Karlovy Vary foi o mais bem organizado dos que já participou.

Finalizando, Pedro Jorge falou de Angola, onde a mesma língua e o clima idêntico ao do seu estado, "faz agente perder a noção de distância física entre a nação angolana e a "nação" cearense. Foi difícil me convencer de que entre uma região e a outra havia o mar", disse ele. "O clima, o cheiro, o comportamento das pessoas é muito parecido. Em Angola a mobilização popular é fantástica e o povo atende às reivindicações do Estado de maneira exemplar. Entretanto, Angola, oressionada de um lado pela Unita, e de outro pela África do Sul racista através da Namíbia, sofre a carência típica provocada pelo estado de guerra. O país recebe ajuda da Alemanha Democrática, de Cuba, da URSS e também do Brasil. A viagem de Pedro Jorge, por exemplo, foi promovida pelo Instituto Angolano de Cinema junto com a Embaixada do Brasil, a Embrafilme e teve ainda o apoio da construtora brasileira Norberto Odebrecht, que executa obras importantes naquele país.

FESTIVAL '86

FESTIVAL DO CINEMA DE KARLOVY VARY - QUOTIDIEN DU FESTIVAL - FESTIVAL DAILY

XIV. MEZINÁRODNÍ FILMOVÝ FESTIVAL - KARLOVY VARY - 8. CERVENCE 1986 - CÍSLO 4

PROGRAM

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

BRASIL
TIGIPIÓ
(Tigipió)

Premiado na Suíça, França e Havana, o filme de Pedro Jorge participou ainda do Festival de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia

Arte e educação na Vila Paranoá

KÁTIA TURRA
PAULO FORTES

Um palco, uma iluminação e o público. Um programa de auditório. Esta foi a alternativa que o professor Nelson Ramos Filho encontrou para dar suas aulas de Educação Artística para os novecentos alunos de 5ª à 8ª série do Centro de Ensino nº 1, da Vila Paranoá.

A realidade da vila, com seus 30 mil habitantes é dura, e na escola os problemas não são muito diferentes. Falta água, material, professor, tempo e espaço. Mas apesar de todos esses obstáculos, existe o interesse das crianças, que, quase todas, nunca foram a um teatro ou cinema.



● Márcia, Nelson, Mariária Cândida e Rino. Mentores e organizadores de um diferente projeto em Educação Artística. Uma solução para os meninos da Vila Paranoá.

Esta nova experiência de ensino existe há seis meses e já sofreu algumas alterações. Uma das novidades foi a chegada há quatro meses do professor Rino Marcone, um fotógrafo, que durante quatro anos desenvolveu um trabalho de fotografia com crianças carentes da periferia de Salvador.

Para Rino, o importante é despertar a atenção do aluno para algo novo, e foi exatamente isto que ele levou para a escola: um vídeo que foi conseguido na Fundação Educacional, onde estava encostado e sem uso. Segundo Nelson Ramos, a chegada de Rino proporcionou um casamento perfeito, do qual nasceram 900 filhos.

A aula de Educação Artística é um verdadeiro programa de auditório, em que as crianças são atores, apresentadores, júri, repórteres e cinegrafistas. Durante a aula elas cantam, dançam, fazem mímica e representam, baseando-se muitas vezes no cotidiano em que vivem.

As turmas são divididas em equipes. Os alunos de 7ª e 8ª séries formam a equipe que filma todos os programas, enquanto a

outra sai às ruas da vila para fazer reportagens sobre assuntos que eles mesmos escolhem, como o problema do esgoto, as filas e muitos outros, que tem de sobra na favela. Uma equipe feminina saiu às ruas para fazer uma reportagem sobre sexo, onde a pergunta inicial feita a todos os entrevistados era: "O que você acha que é ser uma moça direita"? Em alguns casos a "repórter" continuava: "Se sua filha chegasse hoje em casa e dissesse que estava grávida, o que você faria"? As respostas foram bem variadas, desde as mais enérgicas e conservadoras, até uma senhora que respondeu com humildade que tentaria ajudar a filha em um caso como este, e depois chorou só em imaginar esta hipótese.

O resultado da reportagem agradou aos professores tanto do ponto de vista técnico quanto pela importância do tema, que vem interessando de tal forma as crianças que a escola resolveu tirar uma semana para debater sobre "sexo", quando todas as disciplinas estarão voltadas para discutir este mesmo assunto. É esta possibilidade de integração das diferentes disciplinas que Nelson considera o grande avanço desta experiência. Segundo ele, a Educação Artística não deve ser mais uma matéria do currículo, mas pode ser um método de ensino de todas as disciplinas, e seu eixo de integração.

Esta não é a primeira vez que o professor Nelson desenvolve um projeto como este. Há sete anos, quando era professor da escola-classe, ele fez um programa de auditório chamado "O Fantástico show da Natureza", cujo tema principal era a preservação do meio ambiente. A proposta, entre outras coisas, tinha o objetivo de ensinar as crianças a usar a terra para plantar sua própria horta, o que acabou por transformar os jardins da escola em um grande pomar. Alguns professores não viam com bons olhos a idéia de perderem suas flores, e o projeto foi por água abaixo, o que acabou afastando Nelson da escola.

O projeto atual vem trazendo grandes benefícios às crianças, que com o tempo vão tomando consciência e mudando sua maneira de pensar. Segundo Nelson, no início os grupinhos de dança só subiam ao palco para imitar o Menudo. Hoje em dia eles já cansaram e passaram a imitar os grupos de rock. "Não são os professores que fazem a cabeça das crianças para fazer isto ou aquilo, elas mesmas se cansam de repetir as mesmas coisas, e partem para outra".

Além dos avanços que vem trazendo pa-

Fotos CESAR MENDES



ra as crianças, o projeto traz à tona os problemas da invasão do Paranoá, o que vem reforçar uma nova idéia de ampliar o programa para a comunidade local, com as reportagens produzidas na escola sendo mostradas em um telão na praça principal da Vila.

Mas nem só de elogios vive o projeto "Programa de Auditório". Em debate com pessoas ligadas ao meio artístico, na Faculdade Dulcina, o professor Nelson foi questionado em sua experiência. A acusação era de que ele estaria reproduzindo o que acontece na televisão, e que isto não era arte. A resposta que ele dá a este tipo de crítica, é a de que ele não pretende criar artistas, mas despertar a criatividade das crianças. Segundo ele, sua experiência não deve ser vista como uma receita, mas como um processo que foi criado de acordo com as necessidades dos alunos e da escola neste determinado momento.

A equipe que trabalha no projeto é formada, além do professor Nelson e de Rino, pelas professoras Maria Cândida e Márcia Selva.

● Entrevistas no vídeo, piadas, cenas, fantasias. Os meninos da Vila Paranoá sempre têm o que contar sobre suas vidas e problemas de sua comunidade.

Educação: aprendendo com a vida

RUTH FROTA

Em 1982 Vários casais que tinham entre si relações de trabalho começaram a discutir qual a melhor escola para seus filhos. Pouco animados com a perspectiva de colocá-los em estabelecimentos de ensino tradicionais, passaram meses debatendo o tema e procurando alternativas.

Dessa reflexão surgiu a proposta de se criar uma escola em moldes nada convencionais, que começou a funcionar com apenas 7 crianças entre um ano e meio e 5 anos. Gabriel Settermann, bacharel em Relações Internacionais, com experiência em teatro e artes cênicas, Maria Ricardo com mestrado em Pedagogia, Adélia Sá Pereira antropóloga e Márcia Neves, pedagoga vinda de uma escola experimental em Campinas, formaram o grupo heterogêneo que plantou as sementes da escola VIVENDO E APRENDENDO.

A escola funciona nos fundos do Clube de Vizinhança da Asa Norte, em uma espécie de galpão alugado àquela entidade recreativa. A experiência prosperou, já que em 1983 os pais dos alunos se cotizaram para mandar construir duas salas adicionais.

Hoje, conta com 80 alunos em dois turnos nas séries Maternal, Jardim I e Jardim II.

Os bons resultados de VIVENDO E APRENDENDO se devem à nova concepção de ensino no Jardim de Infância. Tradicionalmente, é o professor quem estimula o aluno treinando sua capacidade motora através de uma série de exercícios que ele passa e corrige. A atitude do aluno é inteiramente passiva. Aqui, não. Busca-se ensinar a partir da própria vivência do aluno que passa a ter uma atitude mais ativa. A grande ênfase é dada a um ensino não repressivo, no qual o professor chega com uma proposta que é modificada — ou não — dependendo do interesse demonstrado pela criança. Procura-se respeitar os alunos em suas inclinações, obedecendo sempre o ritmo próprio de cada um. Por sua vez, a sociabilidade também é valorizada sendo estimulada através de jogos, com participação coletiva. Trata-se, enfim, de um centro de convivência da criança, preparando-a, com liberdade, para os níveis superiores do ensino.

No entanto, a escola não funciona sempre desta maneira. Havia antes um certo exagero na falta de programação das ati-

vidades das crianças que, por isso, tornavam-se ansiosas e agressivas. Ficou claro que elas precisavam de uma orientação, de uma referência de tempo e espaço. Hoje em dia, existe um esquema de atividades — idealizado pelo terapeuta Paulo Gaiarsa (que lá iniciou seus trabalhos como orientador pedagógico em 1982) — a ser cumprido. Existem, portanto, limites, mas sem a rigidez tradicional.

São poucos alunos para cada professor, o que permite atendimento quase personalizado, cujos resultados encontram-se em relatórios individuais pormenorizados entregues aos pais por escrito, com detalhes sobre os progressos e dificuldades de cada um. Aliás, os próprios pais formam a diretoria da escola, participando de reuniões quinzenais com professores.

Depois de quatro anos de funcionamento, nem todos os que formaram o núcleo inicial da VIVENDO E APRENDENDO lá permaneceram. Hoje estão Gabriel Settermann e Adélia Sá Pedreira fiéis à sua idéia inicial de liberdade e respeito à criança. As crianças gostam disso e muito.

● Uma escola o aluno aprende a partir de sua própria vivência. Assim é a VIVENDO E APRENDENDO, dirigida pelos pais dos alunos e ensinando com liberdade.

D U S E K

O cantor e compositor Eduardo Dusek está numa fase mais intimista, mas avisa aos interessados que se preparem, porque seu íntimo está gritando, e isto que dizer que vem som pauleira por aí.

Em entrevista ao Campus, Dusek fala deste seu lado romântico, da censura, das drogas e de muito rock'n roll.

CLAUDIO TOURINHO
KATIA TURRA

Campus: A cada disco você está com uma cara nova, um som diferente, parece um camaleão.

Como é que você explica esta mudança constante?

Dusek: Olha, eu não posso dizer que eu me identifico com um camaleão, porque eu não me identifico. O camaleão muda de cor exteriormente, de acordo com a situação. Eu não, eu sofro mudanças interiores que me obrigam a mudar exteriormente. Eu sou mais parecido com uma pedra, tão cabeça dura, que fica se jogando do alto de um edifício o tempo inteiro até abrir. A minha intenção é mais abrir a cabeça do que me adaptar a uma situação numa época. Ocorre que às vezes eu sinto a coisa antes e vou naquele caminho como aconteceu na época com o pessoal da Blitz, dos Miquinhos Amestrados, do Léo Jaime. Quer dizer, a gente sentiu o rock'n roll vindo e entramos por aquele caminho. O que está acontecendo agora é que eu estou numa fase mais interessado em me aprofundar no ser humano do que propriamente criticar o que está aí. Porque criticar o que está aí é uma redundância. Você olha na cara das pessoas e elas já te mostram que está péssimo.

Esta pessoa não agüentar mais ouvir um protesto só, ela precisa de alguma coisa que a sensibilize além da realidade do dia a dia. No momento eu estou muito ligado nesta sensibilidade. Então acabou dando uma coisa romântica.

Campus: Você está mais "na sua" agora?

Dusek: Até este próprio recolhimento deu uma interiorização. Este negócio de eu dizer que estou mais na minha, foi uma maneira de me defender dos ataques do mercado, porque ele te achata muito, e eu estou sempre tentando fugir desta coisa de mercado, então foi um sentimento muito interior que me deu esta coisa de romantismo. Eu sou um cara muito romântico. Acredito muito na energia amorosa. Acho que é uma coisa que ainda sobra por aí. Mas não quer dizer que eu vá entrar nessa também não. Eu já estou com vontade de pauleira de novo. Só consigo ouvir pauleira atualmente, gritaria, não consigo fazer nada falando, tudo tem que ser gritando.

Campus: Você já pensa em outro tipo de trabalho?

Dusek: Já estou começando a sentir as coisas interiormente. Não é nem arquitetar, mas começo a sentir as vozes interiores que gritam.

Campus: As suas estão gritando?

Dusek: Estão aos berros. Vem coisa pauleira.

Campus: Você falou na situação do artista. Você espera que alguma coisa mude com esta nova Constituinte?

Dusek: Não, eu não acredito

que vá mudar. O problema do brasileiro não é só lei, porque lei nunca foi cumprida no Brasil. Podem se fazer leis à vontade, porque as pessoas privilegiadas, com grana, as pessoas das oligarquias sul-americanas que ainda existem no Brasil, elas vão continuar moldando as leis ao gosto delas. Esta própria eleição da Constituinte já está muito tendenciosa, já existe gente muito tendenciosa concorrendo. Eu não acredito que a maioria desses candidatos tenha cabedal para discutir uma Constituinte que eu vou ter que obedecer. Eu acho importante o papel, mas a própria estrutura eleitoral brasileira já é meio pífia. Não por causa das leis que o Tribunal Eleitoral faz, mas pela própria consciência das pessoas. As pessoas são muito vendidas. Então Maluf em um ano se recupera. Através de que? A cabeça do povo que mudou? Algum remedinho colocaram lá. Este remedinho cheira muito a cifrão e a promessa. Então, coronelismo é uma coisa nacional.

Eu acho até muito perigosa esta Constituinte, porque ela está sendo feita meio avacalhada, eu estou sentindo que as pessoas acham que a Constituinte vai ser um remédio para todos os males. Eu não acredito nisto, eu acho que antes precisa haver uma consciência de leis, com técnica, que é o que está faltando. Já está provado que as coisas que de certa forma têm uma ousadia técnica podem mudar a consciência do povo, como foi o plano cruzado, que pode não estar dando certo em várias áreas, mas ele mudou uma certa consciência.

O mais importante é isto. Tomara que a Constituinte dê certo.

Campus: E censura? Agora estão censurando o cinema e pensando até em censurar os filmes da TV. Como você vê isto? Você já foi censurado? **Dusek:** Já fui várias vezes. O brasileiro é um moralista. Ele é muito atrasado neste ponto. Eu nunca acreditei nesses ventos da liberalidade que se pregou na Nova República. A polícia continua dando porrada no meio da rua, as coisas continuam sendo cortadas, as pessoas fazem um certo ar de que tudo mudou, mas está todo mundo contra certas coisas. O preconceito continua rolando solto em todas as áreas que sempre foram atingidas pelo preconceito. A Igreja Católica ainda tem um papel preponderante na sociedade brasileira, e ainda vai ficar muitos anos com este papel. Esta volta à censura é até natural. Eu sabia que eles iam primeiro liberar um pouco e depois cair em cima, porque a turma está a fim de amassar mesmo. Ainda mais em uma sociedade que está nitidamente dividida. A maioria está fudida, e as partes de mais acesso ao dinheiro estão cada dia com mais grana. Então a censura é um dos meios de conter a sociedade. Então eles vão continuar censurando. Eu não me iludo com

Vem
pauleira
aí....

KATIA TURRA



"Acredito muito na energia amorosa. Acho que é uma coisa que ainda sobra por aí".

estas coisas. Agora, acho uma merda a censura.

Eu sinto que o brasileiro não tem uma consciência total do que ele quer dizer e ouvir. Ele ouve muita besteira achando que é fantástico, mas obviamente que não é a censura que vai dizer o que eles devem gostar. Quem tem que escolher é o povo. Tem gente que quer assistir "Cobra" e gosta!

Eu acho que a censura deveria ser feita num conjunto social. Deveria haver um conselho de ética em que participassem cerca de 150 representantes das classes sociais. Ele serviria como uma espécie de Congresso censório, elas decidiram o destino de uma cultura. Mas uma pessoa, um diretor? Então a mulher de um general liga para a amiga da dona Marly Sarney e diz que está indignada com não sei o quê. Um cara é um psicopata, sai do cinema, vai e mata porque viu "Cobra". Isto é paleativo. Essa violência não se explica por causa de uma motivação ou outra.

Campus: O que você está achando desta campanha antidrogas que está acontecendo?

Dusek: Olha, eu não parei para achar ainda não. Eu estou ainda meio surpreendido. Porque drogas sempre envolveram interes-

ses políticos e econômicos muito fortes. Há algum motivo sério em termos de interesse nesta luta antidrogas. Alguém está perdendo muita grana nisso, senão o barco não virava desta maneira. E há também o sistema moralista do mundo inteiro, de que as pessoas estão se afastando das más idéias, estão todos querendo ter um bom comportamento para ter um pouco de alívio e felicidade no meio do que eles consideram uma sujeira. Agora é uma sujeira que todo mundo fez. Não adianta você ficar em um canto da sala se você cagou no outro lado, o cheiro vai vir da mesma forma. Então agora está todo mundo querendo segurar as aparências, mas não dá mais. Eu acho que a consciência vem mais interna agora, vem numa paz interna, e é isso que eu procuro atualmente no meu trabalho. É mais uma autoconfiança, a geração de agora tem muito isto, eles investem muito nesta autoconfiança. O cara sabe que ele não vai ter apoio em nenhum ponto da sociedade, nenhuma religião, nenhuma associação, nenhuma instituição, porque todas elas estão perdendo as bases. Então ele tem que ter confiança em si. Eu acho que é muito mais por aí o caminho, do que um falso moralismo de ter que acabar com as drogas porque elas são a causa da violência. Não são. São só uma consequência.

Campus: O que você acha dos grupos de rock de Brasília?

Dusek: O ponto mais interessante que eu acho dos grupos de Brasília, é a filosofia em termos de vida, o que eles acreditam, o que eles escrevem, o que eles pensam e o que querem defender. Isso é o melhor. Em termos de som eu prefiro os grupos mais radicais, aqueles que você ouve nas rádios especializadas, que são de arrebanhar com a caixa. Estes são os que eu gosto mais, musicalmente falando. Agora, dos grupos que estão mais ou menos na faixa do Legião Urbana, eu gosto principalmente da poesia, o som não é exatamente a minha praia.

Campus: Você tem censura na sua casa? O que eles acham de você no palco?

Dusek: Eles têm mais é que gostar, porque senão não abre a boca muito para criticar, porque eu sou meio cabeça dura nas coisas que eu quero fazer. Mas em geral eles gostam, e sabem que eu tenho um caminho meio peculiar, eu quero fazer aquilo que eu acho que tenho que fazer naquele momento, mesmo que isso vá contra a humanidade. Atualmente eles concordam. Eu diria que concordam até demais. Eu gosto quando a pessoa grita mais alto do que eu.

Um palco adiante do nariz.

E tem gente que ainda não viu. O teatro, a dança e a música de Brasília estão conquistando cada vez mais público e espaço. Se você é daqueles que acredita apenas no que vem de fora, isso tem remédio!

Arrisque um pé fora de casa, depois outro, e pronto! Você é dono do próprio nariz. Vem ver ao vivo a dança, o teatro e a música, suores da arte em Brasília. Se você não conhece, então se liga!

Você não vai se arrepender de dar uma xeretada por aí.

arte em
brasil
**Vem
Ver ao
vivo**